



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM 1.º
E 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

**OS TRABALHOS PARA CASA NO 1.º CICLO DO
ENSINO BÁSICO – CONCEÇÕES DE ALUNOS E
PROFESSOR**

Vera Antunes Duarte

Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2015



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM 1.º
E 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

**OS TRABALHOS PARA CASA NO 1.º CICLO DO
ENSINO BÁSICO – CONCEÇÕES DE ALUNOS E
PROFESSOR**

Vera Antunes Duarte

Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Isabel Madureira

2015

AGRADECIMENTOS

O presente relatório encerra mais um ciclo na minha vida, a conclusão do meu percurso inicial de professora. Ao longo destes cinco anos, várias têm sido as pessoas que me marcaram e acompanharam. A elas, gostaria agora de agradecer do fundo do meu coração.

À minha família, em especial à minha mãe e à minha irmã, por toda a importância que assumem na minha vida, pelo amor que me têm e pelas palavras de incentivo que me deram, quando as noites de trabalho eram longas e o fim da jornada parecia inatingível.

À minha colega de estágio, Beatriz Sabino, pela paciência de anjo e apoio incansável durante estes cinco anos das nossas vidas. A ela desejo-lhe o maior sucesso na sua vida pessoal e profissional, e que esta amizade dure muitos mais anos!

À minha restante família académica, em especial à Catarina Sabino, Sophie Santos, Melissa Cardoso, Joana Cruz e Filipa Silva, por toda a amizade, gargalhadas e momentos partilhados.

A todas as crianças com as quais contactei, que tantos conhecimentos e valores me transmitiram.

A todas as professoras cooperantes com as quais estagiei, por todos os ensinamentos, em especial à Professora Sílvia Martinho pela forma encorajadora como me ensinou e me ajudou a tornar melhor profissional.

À Professora Doutora Isabel Madureira pela partilha de saberes ao longo de todo o estágio e pela ajuda ao longo da construção deste trabalho.

À Inês Rodrigues, um pilar na minha vida, sempre com uma palavra amiga de incentivo, para me manter confiante e com pensamento positivo.

Aos meus escuteiros, que são uma segunda família, por me ajudarem todos os dias no meu crescimento pessoal através de aventuras e amizades. A minha vida não era a mesma se, mesmo em momentos de *stress*, não pudesse acampar convosco, alcançar trilhos audazes ou ter simplesmente o prazer de conversar à volta da fogueira.

A Deus, que me ama, que cuida de mim e que me guia mesmos nos momentos mais difíceis.

A todos, um sincero obrigada!

RESUMO

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II do 2º ano de mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, pela Escola Superior de Educação de Lisboa.

Este documento centra-se essencialmente na descrição reflexiva da prática desenvolvida num 3.º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa escola na zona central de Lisboa. São analisados dois momentos distintos: o período de observação do contexto, com respetiva avaliação diagnóstica, definição da problemática, delineação dos objetivos, planeamento dos conteúdos a lecionar e estratégias a implementar; a fase posterior à intervenção, com avaliação dos alunos e do plano inicialmente definido.

Deste processo, constituiu-se ainda como finalidade formativa o aprofundamento do tema relacionado com os trabalhos para casa (TPC), com o objetivo de conhecer a opinião dos alunos e da professora do contexto onde decorreu a PES II relativamente a este tema tão controverso. Os dados foram recolhidos através de questionários, entrevistas semiestruturadas e grelhas de registo diários do TPC. Os resultados do estudo revelam que tanto a professora como os alunos reconhecem vantagens nesta prática pedagógica, tendo esta tido grande adesão por parte dos alunos que os cumprem com elevada regularidade. Concluiu-se igualmente, com base na análise documental, que os trabalhos para casa são eficazes quando prescritos com quantidade e frequência adequados ao contexto. Sendo este um estudo exploratório e não representativo de uma população, os seus resultados referem-se apenas ao contexto a que diz respeito.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; Trabalhos para casa; Aprendizagem.

ABSTRACT

The following report was developed in the field of the Supervision of Practice Teaching in the 2nd grade of Master's Degree in Primary Teaching (1st and 2nd cycle), in Lisbon Higher School of Education.

This document focus essentially in the reflexive description of the context of pedagogical intervention on the 3rd degree of 1st Cycle of Primary Teaching, on a central zone of Lisbon. There are being analysed two distinctive moments: the stage of observation of the context, with its diagnostic evaluation, definition of the problematics, delineation of goals and planning of the teach contents; the stage after the intervention, with the evaluation of the student and of the initial plan set.

Through this process, it was established as a formative purpose the developing of a study related to homework (TPC), in order to know the opinion of the students and the teacher of the context where PES II occurred about this controversial issue. Data were collected through questionnaires, semi-structured interviews and daily TPC registration grids. The study's results reveal that both teacher and students recognize advantages in this pedagogical practice, with such high adherence from the students that fulfil it regularly. It was also concluded, based on documental analysis, that homework is effective when prescribed with the amount and frequency adapted to the context. As this is an exploratory study and not a study from a representative analysis, its results can only represent the respective background.

Keywords: Supervision of Practice Teaching; Homework; Learning.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	6
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	8
2.1. Caracterização do meio e da escola.	8
2.2. Caracterização da sala de aula e do grupo/turma	8
2.3. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica.	9
2.4. Gestão dos tempos, conteúdos, materiais e espaços de aprendizagem.	10
2.5. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico.	11
2.6. Sistemas de regulação/avaliação do trabalho de aprendizagem.	12
2.7. Avaliação diagnóstica dos alunos.	12
2.7.1. Competências Sociais	12
2.7.2. Português.....	13
2.7.3. Matemática	13
2.7.4. Estudo do Meio	14
2.7.5. Expressões	14
3. PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO E ESTRATÉGIAS	15
3.1. Problemática	15
3.2. Objetivos de Intervenção	16
3.3. Estratégias de intervenção	17
4. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA	22
4.1. Princípios orientadores	22
4.2. Estratégias globais	23
4.3. Contributos das diferentes áreas curriculares disciplinares e não disciplinares	25
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
5.1. Avaliação das aprendizagens dos alunos.	28
5.1.1. Competências Sociais	29
5.1.2. Português.....	29
5.1.3. Matemática	30
5.1.4. Estudo do Meio	31
5.2. Avaliação do Plano de Intervenção.....	32

6. TRABALHOS DE CASA NO 1º CEB – CONCEÇÕES DE ALUNOS E PROFESSOR.....	35
6.1. Problemática e objetivos da pesquisa.....	35
6.2. Fundamentação teórica	35
6.2.1. O que são os TPC?	35
6.2.2. Quais os objetivos dos TPC?	36
6.2.3. Vantagens e desvantagens dos TPC	36
6.2.4. Quantidade e frequência.....	37
6.2.5. Papel do aluno	37
6.2.6. Papel do professor.....	37
6.3. Metodologia	38
6.4. Apresentação de resultados.....	39
6.4.1 Registo dos TPC	39
6.4.2. Opinião dos alunos sobre o TPC.....	39
6.4.3. Opinião da professora sobre os TPC.....	40
6.5. Considerações Finais.....	41
7. CONCLUSÕES	43
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS	50
Anexo A. Planta da sala	51
Anexo B. Horário da turma	52
Anexo C. Grelha de valores e de comportamentos	53
Anexo D. Gráficos de análise da grelha de observação de valores e comportamentos	54
Anexo E. Gráfico da avaliação final de 2º período de português.....	56
Anexo F. Gráfico da avaliação final de 2º período de matemática	57
Anexo G. Gráfico da avaliação final de 2º período de estudo do meio.....	58
Anexo H. Gráfico da avaliação final de 2º período de expressões.....	59
Anexo I. Plano de ação por área disciplinar	60
Anexo J. Grelhas de avaliação das competências sociais	63
Anexo K. Gráficos de interpretação das grelhas de avaliação das competências sociais	75

Anexo L. Grelha de registo da avaliação da competência leitora	77
Anexo M. Grelhas de registo de avaliação do exercício ortográfico (de palavras e texto)	78
Anexo N. Grelha de registo da avaliação formativa da área disciplinar de português	80
Anexo O. Grelha de registo de avaliação diagnóstica e final das componentes de matemática	82
Anexo P. Grelha de registo de avaliação diagnóstica e final das componentes de estudo do meio.....	83
Anexo Q. Planificação de Expressão Dramática	84
Anexo R. Planificação de Expressão Musical.....	86
Anexo S. Questionário feito aos alunos.....	88
Anexo T. Pedido de autorização aos Encarregados de Educação	89
Anexo U. Guião de entrevista da professora	90
Anexo V. Transcrição da entrevista da professora	93
Anexo W. Grelha de registo diário de TPC	97
Anexo X. Gráfico de registo dos TPC por classificação	99
Anexo Y. Registo dos TPC por área disciplinar	101
Anexo Z. Gráfico da pergunta “Quantas vezes por semana costumamos realizar o TPC?” do questionário.....	102
Anexo AA. Gráfico da pergunta “Qual a tua opinião sobre os trabalhos de casa?” do questionário.	103
Anexo AB. Gráfico da pergunta “Se fosses tu a gerir os trabalhos de casa, como farias?” do questionário.....	104
Anexo AC. Questionário final relativo ao período de intervenção	105
Anexo AD. Gráficos de análise questionário final relativo ao período de intervenção	106

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Definição de potencialidades e fragilidades por cada área disciplinar.....	14
Tabela 2. Articulação dos objetivos gerais de intervenção e estratégias/atividades	16

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC	Atividade Extracurricular
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CEL	Conhecimento Explícito da Língua
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PE	Projeto Educativo
PI	Plano de Intervenção
PTT	Plano de Trabalho de Turma
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
TPC	Trabalhos para Casa
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa.

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) no 2.º ano do curso decorreu no 2.º e no 1.º CEB, no primeiro e no segundo semestre, respetivamente. Este Relatório Final centra-se particularmente na PES II realizada no 1.º Ciclo, numa turma de 3º ano entre 8 de março e 29 de maio de 2015. Paralelamente à intervenção, foi ainda desenvolvido um estudo referente aos “Trabalhos para Casa no 1º CEB – conceções dos alunos e professor”, com o objetivo de conhecer a opinião de alunos e professor relativamente a este tema.

Assim, o documento organiza-se em sete principais capítulos, sendo eles a presente *Introdução*, a *Caracterização do Contexto Socioeducativo*, a identificação e definição da *Problemática*, *Objetivos de Intervenção e Estratégias*, a *Apresentação Fundamentada do Processo de Intervenção Educativa*, a *Análise dos Resultados*, o desenvolvimento do estudo *Trabalhos de Casa no 1º CEB – Conceções de Alunos e Professor* e as *Conclusões*.

Depois da introdução, segue-se, no segundo capítulo, a apresentação do contexto socioeducativo. Para tal é feita a análise dos vários documentos reguladores da ação educativa, a descrição do meio e do espaço escolar, a caracterização da turma e da gestão da ação pedagógica e a avaliação diagnóstica das competências e conhecimentos dos alunos. Esta primeira avaliação foi realizada a partir das classificações do 2º período escolar e a observação direta e participante feita pelas estagiárias.

No terceiro capítulo, são descritas as potencialidades e as fragilidades da turma identificadas após a diagnose realizada. A partir destas, é definida a problemática da turma e formulados os objetivos gerais da nossa intervenção.

O quarto capítulo é dedicado a uma descrição dos princípios orientadores da intervenção, assim como a definição das estratégias que tornaram possível o cumprimento dos mesmos. É também evidenciado o papel que as diferentes áreas disciplinares tiveram no apoio à concretização dos objetivos gerais.

No quinto capítulo é apresentada a avaliação final dos alunos e dos objetivos do Plano de Intervenção (PI). A primeira tem em vista a comparação entre a avaliação

diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação final, confrontando os resultados e verificando a evolução dos alunos nas várias áreas disciplinares e comportamentos. Na segunda são revistos os objetivos do PI de modo a avaliar a sua implementação na turma.

O sexto capítulo é dedicado ao estudo desenvolvido: “Trabalhos de Casa no 1º Ciclo do Ensino Básico – concepções de alunos e professor”. Após a fundamentação teórica do tema, é apresentada a metodologia usada para a recolha e tratamento de dados e os respetivos resultados. De seguida, e como resultado da união de todos os elementos deste capítulo, são apresentadas as considerações finais.

O capítulo final resume todo o trabalho realizado, nomeadamente o estudo concretizado, estabelecendo uma ligação entre o relatório e a minha formação académica.

Por últimos são listadas todas as referências utilizadas neste trabalho e os anexos referidos ao longo do corpo de texto.

2.CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

2.1. Caracterização do meio e da escola.

O agrupamento de escolas ao qual a turma pertence localiza-se geograficamente numa zona central da cidade de Lisboa, “inserida num contexto de elevado interesse cultural” (PE, 2010, p.3). É constituído por um jardim-de-infância, quatro escolas básicas integradas com a valência de jardim-de-infância, uma escola de 2º e 3º ciclo e uma escola secundária (escola sede). O nível socioeconómico e cultural da população escolar deste agrupamento apresenta grandes assimetrias.

De acordo com o *Projeto Educativo*, este agrupamento “toma como sua a missão de: instruir, socializar e qualificar estes jovens, ou seja, ajudá-los a ter sucesso nos estudos e, mais tarde, nas suas vidas” (PE, 2010, p. 2). É relevante a importância que este documento dá à transmissão de conhecimentos através de um ambiente favorável à aprendizagem, assim como através de métodos interdisciplinares que permitam a exploração e confronto cognitivo.

O agrupamento oferece ainda a Componente de Apoio à Família (CAF), as Atividades Extracurricular (AEC) de Ensino do Inglês, Atividades Físicas e Desportivas e Educação para a Expressão Dramática e Musical, todas de frequência facultativa, e o serviço de Educação Especial, que se destina a responder às necessidades da população escolar, nomeadamente no que respeita às necessidades permanentes dos alunos portadores de qualquer tipo de deficiência ou de comportamentos de risco ligados às mesmas.

A escola partilha o espaço com o jardim-de-infância, pelo que existe um edifício onde se encontram as salas de aula do 1º ao 3º ano, serviços de coordenação, a Biblioteca Escolar (BE) e Centro de Recursos Educativos (CRE) e um outro onde se encontram as salas do jardim-de-infância e das turmas de 4º ano, o ginásio e a sala de professores. Num edifício anexo situa-se o refeitório. Saliemos ainda que o espaço exterior é bastante amplo e é composto por diferentes campos de jogos.

2.2. Caracterização da sala de aula e do grupo/turma

A sala de aula dispunha de 14 mesas organizadas em três filas alinhadas e direcionadas para o quadro branco (anexo A). Este encontrava-se numa área elevada, um

estrado, juntamente com a carteira da professora. As paredes tinham expostos vários trabalhos dos alunos, um quadro que orientava a distribuição de tarefas semanais, e o quadro das regras pelo qual os alunos se regiam. Como instrumentos reguladores da aprendizagem, estavam afixadas nas paredes grelhas de registo de presenças, de avaliação do comportamento e da leitura, sendo as duas primeiras preenchidas pelo comandante (cargo semanal do quadro de tarefas) e a última preenchida individualmente, depois da avaliação da leitura em voz alta.

A turma era constituída por vinte e quatro alunos, quinze raparigas e nove rapazes, com idades compreendidas entre os oito e os nove anos de idade. Todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa à exceção de um de nacionalidade alemã. Importa ainda referir que dois alunos apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE), pelo que recebiam apoio de Terapia da Fala e apoio com a professora de Educação Especial, e apenas um aluno, do total da turma, era repetente no 3º ano.

2.3. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica.

Relativamente à dinâmica pedagógica, foi-nos possível verificar que nas aulas orientadas pela professora, grande parte das vezes os exercícios eram escritos no quadro ou encontravam-se em fichas e nos manuais. Os alunos respondiam individualmente às questões e era feita a correção oralmente, sendo a participação dos alunos gerida pela professora. Verificámos também que mediante situações exploratórias, nomeadamente na área da matemática, os alunos eram convidados a reproduzir no quadro as suas respostas e a partilhar o seu raciocínio.

Não foram observadas muitas atividades de trabalho em grupo, tendo sido privilegiado o trabalho individual. A professora referiu que não costuma desenvolver o trabalho em grupo porque os alunos dispersam com alguma facilidade e as potencialidades que esse tipo de organização pode trazer deixam de fazer efeito, pelo que não é produtivo desenvolver o mesmo nesta turma.

2.4. Gestão dos tempos, conteúdos, materiais e espaços de aprendizagem.

Os tempos de aula eram geridos pela professora, tendo por base o horário definido para a turma (anexo B). Sempre que se iniciava o tempo letivo de uma área disciplinar, a professora fazia uma introdução do que iria ser feito, para que os alunos tivessem conhecimento do que se iria suceder ao longo da aula.

A turma tinha algumas rotinas que a professora implementou, sendo elas:

- A distribuição de tarefas – Todas as segundas-feiras de manhã eram definidas as tarefas para a semana, que eram reguladas e registadas no mapa de tarefas. Como havia vinte e quatro alunos na turma e oito tarefas por semana, cada aluno tinha uma tarefa de três em três semanas, não a podendo repetir.
- A corrida da tabuada - Geralmente ao final do dia, funcionava como um jogo em que os alunos tinham que, à vez, responder a cada uma das tabuadas que lhes era perguntada.
- A corrida do cálculo – Decorria uma vez por semana e consistia numa folha com três cálculos de cada uma das quatro operações, que os alunos tinham que resolver o mais rápido possível para ficarem entre os dez primeiros de modo a poderem “entrar no autocarro”.
- A avaliação da leitura – Realizada duas vezes por semana, depois de os alunos terem estudado o texto como trabalho para casa (TPC). Era feita a avaliação da leitura em voz alta e a classificação era dada pelas cores azul, verde, amarelo e vermelho, sendo azul o máximo e vermelho o mínimo, e registada por cada aluno na grelha de avaliação da leitura.
- O exercício ortográfico – Este exercício tinha duas vertentes: o ditado de palavras e o ditado de texto. O primeiro consistia na leitura de vinte palavras soltas, escolhidas pela professora. No segundo eram ditados um ou dois parágrafos (consoante a dimensão de cada), perfazendo um total de aproximadamente dez linhas. O exercício ortográfico era sempre feito depois da avaliação da leitura e tendo por base o texto estudado pelos alunos.
- A produção escrita – Realizada duas vezes por semana, podia ser feita individualmente ou a pares (conforme indicação da professora). O ponto de partida para a

escrita podia ser uma situação vivida para a qual se redige um resumo, ou o sorteio de cartões de escrita, a partir dos quais cada um construía uma história.

- A correção dos trabalhos para casa (TPC) – Sendo que o TPC era enviado todos os dias exceto à quinta-feira, a correção do trabalho de casa era feita todos os dias de semana com a exceção da sexta-feira. Geralmente era corrigido oralmente, sendo que a professora ia pedindo a participação de cada aluno e ia registando a sua resposta no quadro.

2.5. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico.

Nas suas aulas, a professora privilegiava momentos de trabalho individual. No que concerne à aprendizagem de novos conteúdos, a professora tentava sempre que os alunos partilhassem as suas ideias sobre determinado assunto, e a partir daí construíssem os conceitos e definições a aprender. Em turma, era formulado um resumo do que aprenderam para registar no caderno, de modo a estarem disponível para futura consulta.

Distingamos os dois alunos com NEE como aluna A e aluno B. A aluna A tinha ingressado na turma nesse ano e tinha muitas dificuldades ao nível do português (encontrando-se atrasada um ano letivo) e do desenvolvimento da fala. Para esta, o manual adotado foi o de 2º ano, todos os textos entregues à turma sofriam uma adaptação para esta aluna, a avaliação da leitura era feita individualmente e as produções escritas requeriam um apoio mais individualizado. Nas restantes áreas disciplinares a aluna conseguia acompanhar as aprendizagens do grupo/ turma. O aluno B possuía algumas limitações ao nível motor (motricidade fina e grossa), do desenvolvimento da fala e na área disciplinar de português, recebendo as mesmas adaptações que a aluna anterior. Pontualmente, as produções escritas deste aluno eram realizadas no computador e com a supervisão da professora. Ambos recebiam apoio educativo e terapia da fala fora da sala e com profissionais especializados, sendo que o segundo recebia igualmente apoio ao nível da psicomotricidade.

2.6. Sistemas de regulação/avaliação do trabalho de aprendizagem.

A avaliação que a professora realizava tinha carácter formativo e sumativo. A avaliação formativa decorria todos os dias, através das avaliações do comportamento, leitura, registo dos TPC, desempenho nos exercícios e fichas propostos, participação nas aulas, entre outros momentos diários. A segunda realizava-se no final de cada período, através de um teste construído em conjunto com os professores do mesmo ano letivo de todo o agrupamento. Ambas as avaliações tinham peso na nota que o aluno recebe no final dos períodos e do ano letivo.

2.7. Avaliação diagnóstica dos alunos.

Quanto à avaliação diagnóstica das aprendizagens dos alunos, recorreremos à nota final de 2º período (dado que este é o período precedente à nossa intervenção) e à observação direta por nós realizada durante as duas semanas antecedentes às férias intercalares da Páscoa. Ao analisarmos os gráficos que apresentamos nos anexos referidos é possível concluir que grande parte da turma revela resultados satisfatórios.

2.7.1. Competências Sociais

Todos os alunos revelavam respeito pelo outro, não menosprezando ou gozando com os colegas quando estes não têm um bom desempenho, mas pelo contrário demonstram uma atitude bastante positiva, apoiando e incentivando os pares a esforçarem-se e congratulando-os quando estes atingiam o sucesso.

Os comportamentos da turma foram registados durante as semanas antecedentes à intervenção através de uma grelha de observação de valores e comportamentos (anexo C). Desse registo resultaram variados gráficos, cada um correspondente a um dos itens avaliados. Decorrente do período de observação foram registados os seguintes valores (anexo D), que nos revelaram que a turma era maioritariamente respeitadores das regras de sala de aula, sendo que apenas uma minoria se destacava por nem sempre ser capaz de respeitar as normas para o bom funcionamento da aula, tais como respeitar os momentos de silêncio e trabalho ou levantar o seu dedo quando era sua intenção intervir. Quanto à participação nas tarefas solicitadas pela professora, havia também muita adesão. A autonomia e a responsabilidade da turma eram eleva-

das, dado que os alunos executavam as tarefas sem dependência da professora e com primor no seu trabalho.

2.7.2. Português

Relativamente à área disciplinar de português do 2 período (anexo E) verificámos que a maior percentagem de alunos encontrava-se no nível Bom (37%), sendo que apenas 13% atingia o nível Insuficiente.

A turma ainda apresentava algumas dificuldades ao nível da aplicação das regras subjacentes ao Conhecimento Explícito da Língua (CEL).

No domínio da escrita, havia um grande esforço por parte da docente por fomentar o gosto e a melhoria das produções textuais, pelo que os alunos revelavam muitas melhorias de semana para semana. Ainda se apresentavam como pontos débeis a criatividade na criação de histórias, a coerência textual e a correção ortográfica, a última decorrente sobretudo do desconhecimento de regras de transcrição da língua.

Relativamente à leitura, verificaram-se grandes disparidades, visto que existiam alguns alunos que liam com as entoações, ritmo e tom de voz adequados, enquanto outros ainda pausam muito na sua leitura, não a tornando fluente.

2.7.3. Matemática

Quanto à área disciplinar de matemática do 2 período (anexo F), 25% dos alunos tinham Insatisfaz, contudo foi neste área disciplinar que encontrámos a maior percentagem de nível Muito Bom (21%).

Uma parte da turma ainda apresentava alguma dificuldade na interpretação de enunciados de situações problemáticas, revelando posteriormente alguma facilidade em resolvê-los.

Foi observada uma situação de comunicação matemática na qual foi possível verificar que a mesma não estava desenvolvida nos alunos, uma vez que lhes era difícil explicitar o seu raciocínio com o vocabulário matemático adequado.

2.7.4. Estudo do Meio

A área disciplinar de Estudo do Meio do 2º período (anexo G) apresentava a maior percentagem de alunos que atingiam o nível Bom (54%), mais de metade dos alunos da turma, e a menor percentagem de alunos com nível Insatisfaz (apenas 4%).

Pela observação feita, era visível a pré-disposição para a aprendizagem do Estudo do Meio, para o qual os alunos demonstravam mais entusiasmo, registando um grande número de participações orais por parte de toda a turma.

2.7.5. Expressões

Era possível verificar que a área disciplinar das expressões do 2º período (anexo H) apresentava resultados satisfatórios, 12% encontravam-se num patamar Satisfatório, 42% igualmente apresentavam um nível Bom e Muito Bom.

Relativamente às expressões motora, dramática e musical, não tivemos a oportunidade de realizar uma diagnose destas áreas disciplinares, uma vez que durante o período da nossa prática a professora cooperante não implementou atividades desta natureza. Quanto à expressão plástica, pôde observar-se que todos os alunos têm gosto pelas atividades desenvolvidas, independentemente do tipo de trabalho que é feito ou do género de técnicas e materiais que são utilizados. Alguns alunos, porém, revelaram pouca responsabilidade pelo seu trabalho, não cuidando da sua imagem final.

É importante referir ainda que, segundo as avaliações do período, em nenhuma disciplina os alunos registavam o nível Fraco e a nota quantitativa mais abundante em todas as disciplinas era Bom.

No geral, a turma apresentava resultados satisfatórios e pode afirmar-se que o aproveitamento global era positivo.

3. PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO E ESTRATÉGIAS

3.1. Problemática

A turma tinha algumas potencialidades e fragilidades, como se pôde observar mediante a caracterização anteriormente discriminada. Eram elas:

Tabela 1

Definição de potencialidades e fragilidade por cada área disciplinar

	Potencialidades	Fragilidades
Competências Sociais	<ul style="list-style-type: none">– Cumprimento das regras de permanência e participação na sala de aula;– Respeito pelos colegas;– Motivação para a aprendizagem.	<ul style="list-style-type: none">– Competências de trabalho em grupo pouco desenvolvidas.
Português	<ul style="list-style-type: none">– Compreensão e expressão oral desenvolvidas.	<ul style="list-style-type: none">– Pouca criatividade nas produções escritas;– Fraca coerência textual;– Dificuldades na aplicação de regras gramaticais.
Matemática	<ul style="list-style-type: none">– Destreza na organização e tratamento de dados;– Facilidade no domínio da geometria e medida.	<ul style="list-style-type: none">– Falta de competências ao nível da comunicação matemática.
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none">– Gosto por partilha de vivências e conhecimentos relativamente a esta área disciplinar.	¹

¹ Durante a observação não foi possível observar fragilidades ao nível do estudo do meio.

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">– Gosto pelo uso e exploração de diferentes técnicas e materiais. | <ul style="list-style-type: none">– Pouco cuidado com a apresentação final das suas produções. |
|---|--|

Atendendo à realidade observada e respetivas potencialidades e fragilidades, as questões a que procurávamos dar resposta eram as seguintes:

- Como desenvolver a cooperação entre os alunos?
- De que forma podemos incluir as expressões nas aprendizagens e no tempo letivo da turma?
- Como desenvolver as estratégias comunicativas ao nível da matemática?

3.2. Objetivos de Intervenção

Tendo em conta a problemática definida, foram delineadas os seguintes objetivos gerais para a intervenção:

- Desenvolver a cooperação através da implementação de processos de aprendizagem que envolvem o trabalho de grupo;
- Desenvolver a comunicação matemática;
- Integrar as expressões com as áreas curriculares já trabalhadas na turma.

O facto de o trabalho em grupo não ser habitual nas aulas da turma, foi um ponto de partida para a delimitação do primeiro objetivo, sendo que por outro lado esse tinha também em vista a investigação a ser realizada por um dos elementos do par, no âmbito do relatório final de intervenção do mestrado. Este previa averiguar as potencialidades e as fragilidades do trabalho de grupo e do trabalho individual na disciplina de estudo do meio, sendo portanto necessário que ambas as vertentes fossem experimentadas e vividas pelos alunos.

O segundo objetivo resultou de uma necessidade encontrada, uma vez que as expressões dramática, musical e motora não eram trabalhadas por todos os alunos em horário letivo. Sendo as mesmas da maior importância para o desenvolvimento global

² Devido à falta de momentos de trabalho das expressões musical, dramática e física, são apenas apresentadas potencialidade e fragilidades da expressão plástica.

e de inúmeras competências dos alunos, considerámos que apenas traria benefícios a inclusão integrada destas áreas no currículo da turma. Deste modo, todos os alunos teriam acesso às expressões e às respetivas vantagens.

O terceiro objetivo adveio da fragilidade dos alunos nesta competência, diagnosticada por nós em contexto de observação e que é considerada pelo Programa Básico de Matemática como uma competência transversal. Era nosso intuito que os alunos fossem capazes de expressar através de palavras os seus tão ricos raciocínios, tal como conseguissem que os seus colegas compreendessem, utilizando sempre a terminologia matemática adequada.

3.3. Estratégias de intervenção

Para cada objetivo do Plano de Intervenção (PI) foram delineadas várias estratégias e atividades que iriam permitir a sua concretização:

Tabela 2

Articulação dos objetivos gerais da intervenção e estratégias/atividades

Objetivos	Estratégias/Atividades
Desenvolver a cooperação através da implementação de processos de aprendizagem que envolvem o trabalho de grupo.	<ul style="list-style-type: none"> – Elaboração de atividades que envolvam o trabalho de grupo; – Sensibilização para o cumprimento de regras necessárias ao bom funcionamento do grupo; – Resolução de tarefas diversas a pares.
Desenvolver a comunicação matemática.	<ul style="list-style-type: none"> – Realização de diversos problemas matemáticos; – Implementação da rotina “problema matemático da semana”; – Proposta de problemas matemáticos aos alunos que terminem as atividades mais cedo.
Integrar as expressões com as áreas curriculares já trabalhadas na turma.	<ul style="list-style-type: none"> – Implementação de atividades referente à expressão plástica, dramática, musical e motora, de forma rotineira; – Desenvolvimento de atividades de expressões que surjam no âmbito de outras disciplinas.

Após a delimitação de objetivos tendo por base as potencialidades e fragilidades da turma, tornou-se preponderante apresentar justificações fundamentadas das nossas escolhas, a fim de explicitar o contributo de um ambiente positivo de aprendizagem, do trabalho cooperativo, a importância da comunicação matemática, assim como uma gestão articulada das expressões artísticas no currículo da turma.

Os professores e os alunos passam longas horas do seu dia em contexto social, interagindo entre si. Tal como referido por Arends (1995), cada turma é tão única como uma impressão digital, em que o grupo turma “pode ser visto como um sistema em desenvolvimento com a sua própria estrutura, organização e normas” (Arends, 1995, p.109).

As salas de aula “requerem regras e procedimentos para governar as atividades importantes” (Arends, 1995, p. 191). Tal como referido no decorrer do plano, o cumprimento de regras por parte dos alunos contribui para um ambiente propício à aprendizagem acima fundamentada, tornando-se da maior importância que o quadro das regras seja mantido e referido quando necessário. Pretende-se com isto criar ambientes de aprendizagem produtivos, que se pautam por apresentar um clima geral de pensamentos positivos tanto do próprio aluno sobre si, como sobre os colegas e sobre o grupo, caracterizado também por apresentar estruturas e processos em que as necessidades dos alunos são satisfeitas através do trabalho cooperativo com o professor e colegas, garantindo a aquisição de competências grupais (Arends, 1995). O nosso contexto de intervenção é, tal como já referido, especialmente favorável nesse aspeto por se verificar uma relação muito positiva entre os alunos. No entanto não assistimos a momentos de trabalho cooperativo.

Focando-nos agora nos objetivos gerais delineados pelo par de estágio para a intervenção, recorreremos a diversos autores que justificam as opções por nós tomadas. O trabalho cooperativo apresenta-se, nas palavras de Niza (1998), como a estrutura social mais proveitosa para aquisição de competências, o que contraria a tradição individualista e competitiva da organização de trabalho na escola. Para além da aquisição de competências humanas, na cooperação promove-se o conflito cognitivo através de pontos de vista diferentes. Paralelamente, Vygotsky estudou o conceito de *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP) que explica como a criança com dificuldades em realizar determinado problema, ao assistir à resolução por parte de um colega mais competente, aprenderá essa forma de resolução, realizando novas aprendizagens. Para

que esse processo cooperativo seja bem-sucedido, é necessário que o professor seja o orientador da aprendizagem, permitindo que os seus alunos sejam autônomos, responsáveis e organizados. Ao professor cabe o papel de definir os objetivos de trabalho a atingir e os preparativos necessários a uma boa aprendizagem, motivando os alunos para a execução das tarefas.

Estas são as principais razões pelas quais instituímos este tipo de organização do grupo e do trabalho como uma das medidas a implementar na turma durante a nossa intervenção, tomando-a como um objetivo geral.

Nas palavras de Brassart & Rouquet (1977) a educação artística, muitas vezes esquecida, renegada e desvalorizada por outros, deve alargar os seus papéis e ser utilizada como um instrumento pedagógico constante ao serviço de uma ação educativa abrangente, pois apresenta um potencial educativo, que não é muito explorado, o seu caráter globalmente formativo. Desta forma, as expressões artísticas podem e devem ser integradas no currículo, contribuindo assim para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Tal como já referido, a comunicação matemática é uma fragilidade que a turma apresenta. Nesse sentido consideramos ser essencial promover atividades em que os alunos utilizem a linguagem para expressar ideias matemáticas, ideias essas que possam refletir o seu pensamento. Segundo Carvalho (1995) na aula de matemática, tendo em vista a relação existente entre os processos de estruturação do pensamento e da linguagem, é necessário promover atividades que estimulem e impliquem a comunicação oral e escrita, levando os alunos a verbalizar os seus raciocínios, analisando, explicando, confrontando processos e resultados (p. 417).

Sendo que a turma é caracterizada por ser um grupo heterogéneo no que diz respeito aos ritmos de aprendizagem e dado a presença de dois alunos com necessidades educativas pretendemos desenvolver uma diferenciação pedagógica, apoiando mais esses dois alunos individualmente, sabendo que a promoção de um clima saudável e o apoio, incentivo e afeto do professor tem uma importância vital em relação aos alunos de risco (Arends, 1995).

Procedemos à introdução de rotinas diárias e semanais, adicionadas às rotinas que a professora cooperante geria, tais como:

- Leituras da semana - à terça e à sexta-feira, nos últimos 30 minutos do dia, dois alunos previamente definidos liam uma história breve, que foi antecipadamente ensaiada e preparada.
- Problema matemático da semana - Todas as segundas feiras era lançado o problema matemático da semana. Na sexta-feira, no tempo dedicado à área disciplinar de matemática, era cedido tempo para os alunos explicarem como resolveram o problema, de modo a desenvolverem a sua comunicação matemática.
- Rotinas semanais de expressões – Foram trabalhadas as quatro expressões artísticas, à segunda e à quarta-feira, alternando duas expressões por semana. Nesse sentido, tínhamos numa semana uma sessão de expressão dramática e outra de plástica, e na semana seguinte uma sessão de expressão física motora e outra de expressão musical. Contudo, qualquer expressão era abordada sempre que fosse oportuno perante a atividade letiva a ser desenvolvida, mas desta vez em momentos mais informais e pontuais.

Tendo já anteriormente referido o contributo do trabalho cooperativo no processo de aprendizagem dos alunos, procurámos também promover essa metodologia nas diferentes áreas disciplinares.

Quanto aos materiais educativos, mantivemos o uso do manual escolar para as diferentes disciplinas, exceto para a área da matemática que não foi adotado pela turma. Contudo, introduzimos fichas elaboradas por nós sobre os conteúdos lecionados e outros recursos didáticos (ex. PowerPoint e jogos).

No que concerne à organização do espaço de sala de aula, mantivemos a disposição por filas adotada pela professora cooperante. Sempre que se desenvolvia trabalho cooperativo, os grupos reuniam-se à volta de uma mesa, não alterando a organização da sala.

A nossa prática pedagógica envolveu uma avaliação de carácter contínuo. Assim, tanto no que diz respeito às competências sociais como ao nível dos conteúdos, estes foram analisados com regularidade, através de diversos instrumentos de avaliação do trabalho e da aprendizagem, a saber: grelhas de observação de valores comportamentais, verificação dos produtos dos alunos e os seus cadernos diários, listas de verificação do trabalho de casa.

Aliada à importância que o Projeto Educativo dá à interdisciplinaridade, foi nosso intuito conjugar os conteúdos e competências das várias disciplinas e expressões de

forma natural e fluída. Embora existissem tempos específicos para a abordagem de cada disciplina ou expressão, pretendíamos que essa divisão não fosse estanque de modo a proporcionar um encadeamento sempre que os conteúdos assim o permitissem.

Como referido, na turma existiam dois alunos com necessidades educativas especiais, aos quais demos mais apoio presencial. Demos igualmente especial apoio a uma aluna que tinha problemas de visão, que despendia muito tempo a copiar informações do quadro e esforçava muito a sua vista, pelo que tínhamos a atenção de lhe facultar fichas com a informação do quadro ou copiá-las nós mesmas para o seu caderno.

Por fim, foi construída uma tabela com os conteúdos previstos e os objetivos gerais, utilizando as estratégias globais e os instrumentos de avaliação descritos no anexo I.

4. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

4.1. Princípios orientadores

“Na sociedade atual, dominada pelos serviços de informação e pela competitividade, é necessário introduzir no desenvolvimento e na aprendizagem dos conteúdos, competências cooperativas e de socialização que permitam a construção do conhecimento” (Fontes & Freixo, 2004, p. 27)

Foi a partir desta premissa que desenvolvemos na turma o trabalho cooperativo. Segundo Johnson & Johnson (1999, citado por Fontes & Freixo, 2004), “cooperar significa trabalhar em grupo para alcançar determinados objetivos, procurando-se resultados positivos para cada um e para todos os elementos do grupo (p. 26), sendo por isso extremamente benéfica a implementação de uma aprendizagem cooperativa, através da utilização de pequenos grupos em que os alunos trabalham juntos para melhorar a aprendizagem de todo o grupo, isto é, a sua própria aprendizagem e a de todos os elementos do grupo individualmente” (Fontes & Freixo, 2004; Santrock, 2009).

O trabalho cooperativo assume-se como uma “prática pedagógica capaz de desenvolver, nos alunos, a *zona de desenvolvimento proximal*” (Fontes & Freixo, 2004, p. 26) avançada por Vygotsky. Esta afirmação justifica-se por se comprovar que “a colaboração com outra pessoa (o par mais capaz), que pode ser o professor ou um colega de grupo mais competente, na ZDP, conduz ao desenvolvimento cognitivo” (Fontes & Freixo, 2004, p. 26). Acrescentados a esta enorme vantagem, outros aspetos positivos reconhecidos neste método de trabalho são também “a crescente interdependência e interação com outros estudantes [e] o aumento da motivação para a aprendizagem” (Santrock, 2009, p. 347).

Keller (1972) define o reforço positivo como um estímulo que é utilizado para fortalecer um comportamento que lhe precedeu (p.20) e, sabendo que “um princípio bem estabelecido na psicologia é o de que, quando certos comportamentos são reforçados, tendem a ser repetidos” (Arends, 1995, p. 203), conclui-se que “o reforçamento aumenta [assim] a probabilidade de que um comportamento volte a ocorrer” (Santrock,

2009, p. 232). “Reforçar um comportamento significa [então] fortalecer [esse mesmo] comportamento” (Santrock, 2009, p. 232).

Em contexto de sala de aula, “o reforçador mais acessível ao professor na sala de aula é o elogio” (Arends, 1995, p. 203), e foi a esse recurso que mais nos socorremos. Sempre que um aluno tinha um comportamento exemplar ou exibia uma grande evolução em relação ao trabalho e atitudes anteriormente apresentados, era alvo de um reforço positivo, fosse individualmente ou perante a turma toda. Fazíamos-lo com o intuito de provar que reconhecíamos e valorizávamos determinados comportamentos e níveis de empenho, de modo a que o aluno em questão melhorasse. No entanto, esta estratégia não deve ser utilizada mesmo que o aluno assuma uma má postura para que este motive, uma vez que, “para que um reforço seja eficiente, o professor só deve oferecê-lo depois que a criança apresentar determinado comportamento” (Santrock, 2009, p. 236).

A discussão e o questionamento em sala de aula foi um dos princípios que orientou a nossa intervenção. Vieira & Vieira (2005) definem o questionamento como “um plano cuidadosamente preparado envolvendo uma sequência de questões explicitamente concebidas visando determinado(s) objetivo(s)/competência(s) de aprendizagem” (pp. 44-45), neste caso em sala de aula e aquando da introdução de novos conteúdos.

Sabendo que “um dos aspetos do discurso na sala de aula é a sua habilidade para promover o crescimento cognitivo”, era nosso intuito, sempre que um novo tema era iniciado, ouvir e registar as ideias e definições que os alunos já tinham sobre o conteúdo. No fundo, para “descobrir o que a criança sabe, as suas concepções erradas” (Vieira & Vieira, 2005, p. 54). Era através destas concepções que a conversa era guiada de modo a que o seu pensamento fosse conduzido e os alunos chegassem às conclusões sozinhos. “Para ocorrer uma verdadeira aprendizagem os alunos devem assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem e não dependerem unicamente do professor” (Vieira & Vieira, 2005, p. 54).

4.2. Estratégias globais

O termo de estratégia é utilizado regularmente em educação, para definir “uma organização ou arranjo sequencial de acções ou actividades de ensino que são utilizadas durante um intervalo de tempo e com a finalidade de levar os alunos a realizarem determinadas aprendizagens” (Vieira & Vieira, 2005, p. 16)

Mediante a diagnose realizada e de modo a ir ao encontro dos objetivos gerais, foram definidas variadas estratégias implementadas aquando o decurso do ato educativo. Apresentamos agora as estratégias gerais de intervenção, que estão diretamente relacionadas com os objetivos gerais: *Realização de trabalho em grupo e individual; Resolução de situações problemáticas; Implementação de rotinas.*

Considerando a primeira estratégia definida, foram propostas oportunidades de trabalho individual, e sabendo dos inúmeros benefícios do desenvolvimento da cooperação nos alunos, foram propostas oportunidades de trabalho cooperativo em pares e grupo nas diferentes áreas disciplinares. Na perspetiva de Morgado (2004) o recurso ao trabalho individual pode ser positivo, podendo trazer benefícios em termos cognitivos, e por isso ser utilizado com sucesso, e tomando como princípio inquestionável de que a aprendizagem é também um processo social, os mecanismos de cooperação promovem benefícios ao nível cognitivo e ao nível do desenvolvimento pessoal e social do aluno. Segundo Byers e Rose (1996, citado por Morgado, 2004) é fundamental envolver os alunos em aprendizagens o mais diversificadas possíveis e mobilizar diferentes formas de organização de trabalho, recorrendo, por exemplo, a trabalho individual e trabalho de grupo. Realçamos as atividades de grupo realizadas na área disciplinar de Estudo do Meio, nomeadamente nos vários temas, inseridos no Bloco “À descoberta das inter-relações entre espaços, em que desenvolveu trabalho de pesquisa, e na área disciplinar de Português, na rotina da escrita criativa a pares. O desenvolvimento de momentos de trabalho cooperativo, de forma a tornar possível, não só uma participação efetiva de todos os alunos nas atividades propostas, como também situações de aprendizagem motivadoras e estimulantes.

A resolução de problemas é uma das vias que a matemática tem para poder potenciar e desenvolver a sua aprendizagem, sendo que a promoção de atividades de resolução de problemas promove momentos ricos em diálogo na sala de aula, marcados pela interação e pela descoberta. A estes momentos associam-se os fenómenos comunicativos, que funcionam como pilar de todo o processo (Costa, 2007, citado por Maneta, 2013). Nesse sentido a segunda estratégia definida, *Resolução de situações problemáticas*, pressupõe a realização de diferentes atividades, que visaram a promoção das competências em matemática do raciocínio e comunicação.

A implementação de algumas rotinas foi também uma estratégia utilizada no decurso do período de intervenção. Aplicaram-se em algumas áreas disciplinares, rotinas de trabalho, especificamente na Matemática a rotina Problema matemático da semana, em que se pretende desenvolver a comunicação matemática dos alunos, cedendo espaço e tempo para a partilha das resoluções do problema proposto, em Português a rotina Leitura da semana, em que se pretende motivar os alunos para a leitura, e em

expressões a rotina Rotinas semanais de expressões, através da qual se pretende “olhar” para as expressões artísticas através de uma abordagem interdisciplinar. A sua implementação procurou ir ao encontro de algumas fragilidades observadas no grupo turma, uma vez que no período de intervenção, os alunos demonstraram uma comunicação matemática pouco desenvolvida, melhorar algumas competências, nomeadamente a competência leitora e promover atividades de expressões artísticas, uma vez que não foram observadas no período de observação.

Na perspetiva de Zabalza (1996, citado por Dias, 2004) as rotinas funcionam como uma forma de organizar estruturalmente as experiências do seu dia-a-dia, minimizando a existência de uma incerteza relativamente ao futuro. O facto de haver uma sequência previsível de acontecimentos tem impacto ao nível da segurança e autonomia da criança. Desta forma, considerou-se que o contacto rotineiro com estas atividades se pudesse tornar um hábito na vida escolar dos alunos potenciando, eventualmente, as aprendizagens nas várias áreas disciplinares.

4.3. Contributos das diferentes áreas curriculares disciplinares e não disciplinares

Tendo sido fundamentada a pertinência dos princípios orientadores e das estratégias globais da intervenção, propomo-nos agora refletir sobre o contributo das áreas curriculares disciplinares para a concretização dos objetivos do plano de intervenção e dos objetivos da investigação. Variadas observações revelaram que os alunos aprendem mais e melhor quando trabalham em cooperação com companheiros mais capazes (Rodrigues, 2012). Para Lopes e Silva (2009, citado por Rodrigues 2012) através de estruturas que promovem a aprendizagem cooperativa os alunos ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto, defendendo também que a cooperação é a convicção plena de que ninguém pode chegar à meta se não chegarem todos. Neste sentido foram realizadas diversas atividades que envolveram o trabalho de grupo, transversal a várias áreas disciplinares mas com maior incidência na área disciplinar de estudo do meio, permitindo desse modo alcançar o primeiro objetivo do Plano de Intervenção, “Desenvolver a cooperação através da implementação de processos de aprendizagem que envolvem o trabalho de grupo”. Importa ainda realçar que na área disciplinar de estudo do meio, os trabalhos de grupo basearam-se em atividades de pesquisa, que posteriormente foram comunicados ao grupo turma. Deste modo, o trabalho de grupo proporciona o desenvolvimento de outras competências, como a

comunicação, estimulada através da partilha de resultados não só entre os diversos grupos como também em grupo/turma.

Na área disciplinar de português, pretendemos ao longo do estágio dar continuidade a uma rotina que a professora já tinha implementado na turma, a produção escrita de textos de escrita criativa. Após a análise das produções escritas de cada aluno aferimos que existia falta de criatividade nas histórias e a presença de alguns erros ortográficos. Para melhorar as produções, optámos por desenvolver este exercício de escrita criativa a pares. Com essa mudança foi possível verificar uma grande melhoria, pois quase todos os grupos de trabalho apresentavam uma moral, um aumento significativo da criatividade na criação das histórias, o uso de vocabulário mais rico e frases mais complexas e melhor estruturadas e uma redução significativa dos erros ortográficos, apelando assim à leitura por terceiros. Nesse sentido, a realização da produção escrita foi também uma forma de promover a cooperação.

No que diz respeito ao segundo objetivo, “Desenvolver a comunicação matemática”, importa saber que a comunicação matemática é uma das capacidades transversais definidas no Programa de Matemática para o Ensino Básico. Nesse programa está evidenciada a importância de partilhar ideias e resultados entre alunos, de trabalhar na explicitação de modo claro, conciso e coerente as estratégias que conduziram a tal resolução por parte do aluno, defendendo que estes “devem ser incentivados a expor as suas ideias, a comentar as afirmações dos seus colegas e do professor e a colocar as suas dúvidas” (MEC, 2013, p. 5). Nesse sentido a área disciplinar de Matemática permitiu a realização das atividades para o alcançar. Para tal foi implementada a rotina “Problema matemático da semana” e ainda promovida a comunicação matemática em diversas atividades matemáticas. Foi nossa preocupação, após o término da resolução de determinado exercício, oferecer oportunidades para a partilha de conclusões, fundamental por um lado para compreender se os alunos estavam a compreender os conteúdos e por outro para permitir a exploração da capacidade de comunicação matemática, pois os alunos eram constantemente desafiados a recorrer ao vocabulário específico dos conteúdos em questão.

Tal como já foi referido, as expressões artísticas apresentam um potencial educativo, que não é muito explorado: o seu carácter globalmente formativo. Nesse sentido, foi delineado o objetivo “Integrar as expressões com as áreas curriculares já trabalhadas na turma”, e para o concretizar foi planificada a implementação de rotinas semanais de expressões. Com essas rotinas foi planificado trabalhar as quatro expressões artísticas, à segunda e à quarta-feira, alternando duas expressões por semana. Assim, foi proposto numa semana uma sessão de expressão dramática e outra de plástica, e na semana seguinte uma sessão de expressão física motora e outra de

expressão musical. Para além disso estava planificado também abordar as expressões sempre que fosse oportuno perante a atividade letiva a ser desenvolvida, mas desta vez em momentos mais informais e pontuais. No entanto encontrámos vários constrangimentos que impediram a realização de rotinas semanais de expressões artísticas, e por isso foram realizadas apenas atividades de expressão plástica e de expressão musical, e pontualmente abordados conteúdos referentes à expressão dramática.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1. Avaliação das aprendizagens dos alunos.

Domingos Fernandes (2005) define a avaliação das aprendizagens como “todo e qualquer processo deliberado e sistemático de recolha de informação, mais ou menos participado e interativo, mais ou menos negociado, mais ou menos contextualizado, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer numa diversidade de situações” (p.16), isto é, *verificar* o que foi aprendido ou compreendido, *julgar* um trabalho em função das instruções dadas ou em relação ao restante desempenho da turma, *estimar* o nível de competência de um aluno, *situar* o aluno em relação às suas aprendizagens, *representar* o grau de sucesso de uma produção escolar em função de critérios variáveis, *determinar* o nível de uma produção e *dar opinião* sobre os saberes ou o saber-fazer que um indivíduo domina, representando um leque de definições e verbos associados ao ato de avaliar (Hadji, 1994, p.28)

A intervenção pedagógica contemplou três fases de avaliação: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. A primeira tinha como intuito “situar o aluno no seu processo de aprendizagem . . . para diagnosticar as suas lacunas e as suas dificuldades em relação aos saberes e ao saber-fazer que deveriam ser adquiridos” (Hadji, 1994, p. 61), “ com vista a escolher a sequência de formação mais bem adequada às suas características” (Hadji, 1994, p. 62). Esta foi realizada no período de observação, servindo como base para a planificação da nossa intervenção. Relativamente à segunda, a avaliação formativa, a “sua característica essencial é a de ser integrada . . . no próprio acto de ensino. Tem como objetivo contribuir para melhorar a aprendizagem em curso, informando o professor sobre as condições em que está a decorrer a aprendizagem” (Hadji, 1994, p.63), de modo a poder adaptar e melhorar a sua intervenção consoante os resultados que vão sendo obtidos. “As avaliações sumativas traduzem-se em esforços para utilizar a informação sobre [o desempenho dos] alunos . . . após um conjunto de atividades de instrução ter ocorrido” (Arends, 1995, p.229) de modo a registar a progressão do aluno ou determinar a escala previamente definida em que este se encontra.

5.1.1. Competências Sociais

Aquando do diagnóstico, a turma foi caracterizada com um grupo que se revela empenhado e interessado pelas aprendizagens e pela aquisição de mais conhecimentos, sendo notória a participação oral dos alunos em geral.

A mesma grelha foi utilizada para o registo dos valores e comportamentos nas semanas de intervenção, sendo que para efeitos de avaliação neste documento, só se vai utilizar a avaliação do primeiro e do último dia de casa semana (anexo J). Os dados aí presentes estão agrupados em gráficos de linhas (anexo K) para uma visualização mais facilitada dos mesmos, sendo que para cada semana são contemplados 48 resultados (de vinte e quatro alunos avaliados nos dois dias da semana).

Pela interpretação dos gráficos construídos, é possível constatar que em alguns itens a prestação dos alunos não foi constante, apresentando em algumas semanas um comportamento mais adequado e noutras um maior incumprimento das regras de sala de aula e menos participação. Os valores referentes à autonomia e à responsabilidade oscilaram igualmente, embora com menor discrepância de resultados, apresentando globalmente um resultado muito positivo.

Contudo, é de salientar que raramente um aluno tinha um comportamento ou atitude registado com a cor vermelha, pelo que se pode afirmar que, embora com algumas oscilações na prestação global da turma, o grupo cumpria as regras, participava, revelava autonomia e responsabilidade.

5.1.2. Português

Relativamente à área disciplinar de Português, foi nosso objetivo diversificar tanto os materiais como as estratégias a implementar. Tal como já referido, implementámos a Rotina de Leitura, demos continuidade à Rotina de Escrita Criativa, de modo a potenciar as competências da leitura e escrita; privilegiámos também a rotina de ditado de texto, ditado de palavras e cópias, por forma a diminuirmos os erros ortográficos nas produções escritas, fragilidade já anteriormente apontada.

No que se refere à competência leitora (anexo L) é possível constatar que na grelha, o indicador em que os alunos demonstraram maior progressão foi o indicador *lê de forma clara e audível*, sendo que no final apenas cinco alunos apresentavam alguma dificuldade na concretização de tal indicador. Nos restantes itens os alunos

demonstraram também melhoria, embora um aluno tenha demonstrado dificuldade na concretização de todos os indicadores. Apesar disso, podemos afirmar que de um modo geral houve uma melhoria na competência leitora, assim como um aumento pelo gosto e prazer na leitura. Quanto à escrita, numa análise global das produções escritas realizadas (anexo M) constata-se que os alunos melhoraram o seu nível relativamente a *escrever legivelmente com correção (orto)gráfica pequenos textos ditados*. É possível constatar que diminuíram as falhas na acentuação de certas palavras, na escrita de casos específicos da língua portuguesa, nos exercícios ortográficos de palavras e de texto e as faltas de pontuação nos exercícios ortográficos de texto, sendo que a grande maioria situa-se na escala cromática azul (0 a 2 erros/faltas). Ainda no que diz respeito à correção ortográfica afere-se que não foi possível registar uma evolução significativa em todos os alunos. No entanto o crescente grau de dificuldade dos textos trabalhados, com o avançar da intervenção, poderá explicar a quantidade de alunos a apresentar dificuldades no indicador *erros*. Por fim, relativamente à rotina da *Produção Escrita*, verificou-se um grande progresso nas produções, o que conduziu a um aumento das avaliações qualitativas (anexo N).

5.1.3. Matemática

No que se refere à área disciplinar de Matemática, os conteúdos abordados assumiram um carácter introdutório uma vez que não tinham sido lecionados até à data, com exceção da adição e subtração de números naturais e decimais, multiplicação cujo multiplicador ou multiplicando seja um número natural, divisão por número naturais, que, por recomendação da professora titular, foi necessário reforçar e complexificar os mesmos e resolução de problemas. É possível afirmar que os alunos adquiram facilmente a noção de perímetro e área, de multiplicação com números decimais.

Relativamente à área disciplinar de matemática promovemos o estudo das unidades de medida do sistema métrico, focando-nos também nos conceitos de comprimento, capacidade, perímetro, área e multiplicação por números decimais. Também demos continuidade ao estudo da centena de milhar e das operações básicas. Em todos os temas foi privilegiada uma abordagem pela descoberta, pelo que a introdução de novos conteúdos, nomeadamente das unidades de medida do sistema métrico, foi sempre realizada através de uma ficha de trabalho exploração/descoberta. É de sali-

entar que a rotina de cálculo mental foi o instrumento fundamental para a abordagem dos conteúdos das operações e rotina do problema matemático da semana para a colmatar a comunicação matemática pouco desenvolvida, tal como diagnosticado no período de observação.

Nesse sentido a nossa intervenção em matemática resumiu-se à abordagem dos domínios do currículo, números e operações. Com base na comparação dos dois momentos de avaliação (anexo O), podemos destacar que houve um ligeiro aumento no número de alunos que atinge o nível Muito Bom, e por isso verificámos um ligeiro progresso face ao domínio dos números. Relativamente ao domínio das operações, verificámos uma ligeira diminuição do número de alunos abrangidos pelo nível Insuficiente, e por isso uma menor percentagem (13%), quando comparando com a avaliação diagnóstica (21%) e que, à semelhança do domínio dos números, um aumento do número de alunos a encontrar-se no patamar do Muito Bom.

5.1.4. Estudo do Meio

No que concerne a área disciplinar de estudo do meio refere-se que foi identificada como uma área em que os alunos tinham um grande interesse na aprendizagem e para tal todos os conteúdos lecionados assumiram um carácter preferencialmente prático e exploratório. Nesse sentido, as atividades propostas foram realizadas com base no diálogo, do visionamento de recursos audiovisuais, nomeadamente PowerPoint e vídeos, promovendo também a realização de experiências práticas e visita ao meio local.

Ao compararmos as avaliações iniciais e finais desta área disciplinar (anexo P), verificámos uma notória evolução dos alunos, sendo que mais três alunos atingem o nível Bom, quando comparando com a avaliação inicial, em ambas as componentes. Nesse sentido na componente *compreensão* observámos que no período de avaliação inicial, 29% alunos atingiam o nível Bom enquanto no período final já 42% dos alunos se encontravam nesse patamar, e na componente *aquisição e aplicação das aprendizagens*, a percentagem de alunos que atinge o nível Bom aumentou de 34%, referente à avaliação diagnóstica, para 46% no final do período da intervenção. Podemos afirmar que todos os conteúdos lecionados durante o período de intervenção revelaram

ser significativos para os alunos, pelo que estes se envolveram e dedicaram no decorrer de todas as atividades propostas.

5.2. Avaliação do Plano de Intervenção.

Os objetivos que orientaram a intervenção do par de estágio foram definidos tendo por base as fragilidades e potencialidades encontradas na turma. Eram eles:

- Desenvolver a cooperação através da implementação de processos de aprendizagem que envolvem o trabalho de grupo;
- Desenvolver a comunicação matemática;
- Integrar as expressões com as áreas curriculares já trabalhadas na turma.

O primeiro objetivo do plano de intervenção era “Desenvolver a cooperação através da implementação de processos de aprendizagem que envolvessem o trabalho de grupo”, e pressupunha a elaboração de atividades em que os alunos trabalhassem em grupo e se regessem pelas regras associadas a este tipo de organização, cooperando com os seus colegas em prol de um produto final comum.

De modo a atingir este objetivo, foram vários os momentos em que eram apresentados temas e desafios em que os alunos tinham que trabalhar em grupo. Para tal, era-lhes dado um guião ao qual teriam que responder para no final apresentar à turma. Por exemplo, para o estudo do comércio local, tema inserido no Bloco “À descoberta das inter-relações entre espaços” que prevê que os alunos sejam capazes de descrever diferentes locais de comércio, foi proposto aos grupos que criassem o seu próprio estabelecimento comercial, respondendo às seguintes questões: “Qual o nome do estabelecimento?”; “Qual a dimensão da atividade (grande ou pequeno comércio)?”; “O que vende?”; “De onde vêm os seus produtos (fabrico próprio ou importados)?”; “Se importados, como são transportados?”; “Se frescos, como se conservam?”; “Qual o público-alvo da atividade comercial?”. Para além destas diretrizes, cada grupo recebia uma pergunta mistério, sorteada e sobre o comércio em geral, que teriam que clarificar para a turma, eram elas: “O que é uma fatura e para que serve?”; “Quais os principais produtos que Portugal exporta?”; “Quais os principais produtos que Portugal importa?”; “Quais os principais processos de conservação dos alimentos?”; “O que é o prazo de

validade?"; "Como varia o prazo em função dos produtos?"; "Quais os diferentes modos de pagamento?"; "O que são corantes e conservantes?"; "Quais os diferentes meios de transporte de produtos?". Era pretendido que os alunos construíssem este imaginário em grupo e que o enriquecessem juntos com os pormenores pretendidos. A apresentação do trabalho era feita igualmente em grupo, sendo que a mesma deveria ser distribuída por todos os membros do grupo de igual forma. Em todo este processo, os alunos interagem com os seus pares, davam e negociavam ideias, discutiam e aceitavam opiniões, e trabalhavam todos com vista a um resultado final comum a todo o grupo.

O segundo objetivo, que visava desenvolver a comunicação matemática nos alunos, foi atingido através da aplicação na turma de diversos problemas matemáticos e mesmo cálculos que exigissem o recurso ao algoritmo ou ao cálculo mental, este último através de estratégias ensinadas por nós. Sempre que alguns dos exercícios anteriores era realizado, era pedido aos alunos que registassem as suas respostas no quadro e explicar o seu raciocínio, sendo de seguida pedida a opinião aos restantes alunos. A turma participava concordando ou não com a resolução do quadro, e em caso de desacordo, partilhava também a sua resolução acompanhando-a da respetiva explicação.

O terceiro objetivo ("Integrar as expressões com as áreas curriculares já trabalhadas na turma") foi delineado com o intuito de introduzir as expressões motora musical e dramática na prática letiva, integrando-as nas restantes disciplinas.

Algumas planificações das expressões (nomeadamente de expressão dramática, anexo Q, e de expressão musical, anexo R) foram feitas no sentido de atingir esse objetivo. Contudo, por se desenvolverem, conforme o horário, no final do dia, muitas vezes não havia tempo letivo para as realizar. As atividades a nível de escola e a falha na gestão do tempo de aula resultava na falta de tempo para conseguir conduzir eficazmente uma sessão de qualquer expressão do início ao fim.

No entanto, vários foram os momentos em que o desenho foi integrado em atividades de outras disciplinas, principalmente do português, uma vez que era regularmente pedido aos alunos que ilustrassem as histórias que escreviam. Vários foram também as produções de trabalhos em *origami* para disciplinas como o português (num trabalho realizado aquando da vinda de um autor à escola) e estudo do meio (a propósito das celebrações do 25 de abril). Também o sentido estético dos alunos foi desenvolvido através dos trabalhos de grupo da área disciplinar de estudo do meio,

sempre que estes elaboravam uma cartolina de apoio à apresentação oral, uma vez que estavam em causa competências de conjugação de cores e organização visual da informação.

Relativamente à expressão dramática, foi feito um treino sistemático da articulação e projeção da voz na leitura de histórias, assim como na comunicação de diversos temas, com o intuito de fazer os alunos adequarem as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e variadas situações de comunicação.

Ainda na expressão musical foram desenvolvidos momentos de audição e fruição musical, em que os alunos ouviam diversos temas musicais que eram trazidos no âmbito da celebração que se vivia, nomeadamente o dia da mãe e o 25 de abril.

6. TRABALHOS DE CASA NO 1º CEB – CONCEÇÕES DE ALUNOS E PROFESSOR

6.1. Problemática e objetivos da pesquisa

Os trabalhos para casa são atualmente um assunto controverso, não só entre os agentes da ação educativa ou profissionais da educação, como entre pais e demais cidadãos, não sendo, no entanto, recorrentes os estudos ou obras publicadas acerca deste tema.

Contactámos com esta prática pedagógica em todos os estágios, de observação e intervenção, ao longo do meu percurso académico. Contudo, nunca uma verdadeira reflexão sobre esta temática foi feita. Pretende-se conhecer a opinião de alunos e professor sobre as vantagens e desvantagens da realização dos TPC, assim como identificar a quantidade e frequência dos TPC eficazes. Para tal, foi feita uma pesquisa teórica sobre o assunto, e realizada uma recolha de dados, na qual recorri à opinião da professora e dos alunos da turma na qual estagiei mais recentemente, assim como ao registo diário da realização dos TPC por parte dos alunos.

6.2. Fundamentação teórica

6.2.1. O que são os TPC?

Cooper (1989, citado por Silva e Lopes, 2015) define os trabalhos para casa como tarefas prescritas aos alunos pelos professores e que devem ser efetuadas fora do horário escolar. Segundo Silva & Lopes (2015) os trabalhos para casa apresentam-se como um assunto complexo, sendo, no entanto, uma prática pedagógica adaptada por vários países e sistemas de ensino.

Este é um dos temas que mais controvérsia tem ganho na educação nos últimos anos, pela diversidade de práticas e opiniões. Silva & Lopes (2015, citando Cooper, Robinon & Patall, 2006) afirmam que “para a maioria das crianças em idade escolar, os trabalhos de casa são uma parte importante da rotina diária e também um assunto de extrema importância diária para os pais e professores”, motivo pelo qual se tornou um tema tão central nos nossos dias.

6.2.2. Quais os objetivos dos TPC?

A “utilidade ou legitimidade dos trabalhos de casa é uma questão em aberto Há estudos que mostram que os trabalhos de casa bem escolhidos e pedidos com parcimónia podem ser um importante fator para o sucesso escolar” (Marujo, Neto & Perloiro, 1998, p. 12).

Paiva (2012) refere que os trabalhos para casa devem ser “atividades que fazem sentido, desde que não sejam mais do mesmo do que fazem na escola” (p.70), uma vez que “repetir mecanicamente não é uma solução nem mais vantajosa nem motivadora” (Paiva, 2012, p.70) para os alunos.

Em suma, os trabalhos para casa “existem com um propósito: o de levar os alunos a praticar, fortalecer e reforçar os conteúdos e competências escolares e auxiliar os professores a avaliarem quão bem está o aluno a compreender uma determinada temática” (Marujo, Neto & Perloiro, 1998, p. 12).

6.2.3. Vantagens e desvantagens dos TPC

Embora diversos autores identifiquem variadas vantagens e desvantagens para a rotina dos TPC, muitas são as opiniões dos autores a favor dos mesmos. Silva & Lopes (2015) enumeram vários

benefícios imediatos para os alunos, como melhorar as suas notas, o seu desempenho na escola e a sua atitude em relação à aprendizagem, bem como benefícios duradouros, como gestão do tempo e competências para resolver problemas que os podem ajudar não apenas na Universidade, mas também mais tarde na vida. (pág. 94)

Se realizados com frequência, os TPC “podem [ainda] desenvolver a independência, autodisciplina, iniciativa, gestão de recursos e de tempo e sentido de responsabilidade e competência” (Marujo, Neto & Perloiro, 1998, p. 12).

Contudo, algumas desvantagens são também associadas a esta prática, os “trabalhos de casa são largamente criticados pelos efeitos negativos que, por vezes, produzem no desenvolvimento dos alunos” (Silva & Lopes, 2015, p.94). A crítica mais apontada aos trabalhos para casa prende-se com a natureza dos mesmos, isto porque, “para serem eficazes, os trabalhos de casa devem ter significado ou sentido para o aluno, serem relevantes, sempre que possível criativos, envolventes e interessantes (Silva & Lopes, 2015, p.94).

6.2.4. Quantidade e frequência

Apesar de muitas pessoas concordarem com a implementação dos trabalhos para casa como rotina, “a sua quantidade e frequência é um tema quase sempre presente as reuniões entre pais e professores ou diretores de turma” (Marujo, Neto & Perloiro, 1998, p. 12). Para Silva & Lopes (2015), “a qualidade dos trabalhos de casa é tão importante como a quantidade” (p. 97), sendo que “os trabalhos de casa eficazes são aqueles que têm uma ligação direta tanto com as matérias dadas das aulas como com as capacidades e dificuldades dos alunos” (Silva & Lopes, 2015, p.97).

Marques (2001) considera que “tão errado é obrigar os alunos a realizar os trabalhos de casa em excesso como inadequado é nunca pedir os trabalhos de casa aos alunos” (p.104). O autor defende, portanto, que “com conta, peso e medida, os trabalhos de casa são um instrumento que ajuda a reforçar e a aprofundar as aprendizagens” (Marques, 2001, p.104)

6.2.5. Papel do aluno

Renato Paiva (2012) considera “fundamental que todos os alunos, de qualquer idade, devam dedicar parte do seu tempo, extra-aulas, a fazer os trabalhos de casa para a escola” (p.71), referindo que os alunos “devem ter a responsabilidade de quando chegam a casa (não imediatamente) dedicar um pouco do seu tempo nesta que é a sua responsabilidade (que deve ser inculcada desde cedo): ser estudante” (Paiva, 2012, p. 71). A opinião de muitos alunos, no entanto, é contrária “pois entendem que os trabalhos de casa são irrelevantes, aborrecidos, inúteis, cansativos e desnecessários. Em suma, não se encontram nem predispostos nem devidamente motivados para executar as tarefas exigidas pelos trabalhos de casa (Silva & Lopes, 2015, p.94). Contudo, é importante que os alunos se inteirem dos objetivos dos trabalhos para casa e compreendam que estes “não devem ser executados como obrigação, mas sim como um benefício para a sua aprendizagem” (Paiva, 2012, p.72)

6.2.6. Papel do professor

O professor deve criar trabalhos para casa com diversidade quanto à natureza de exercícios e problemas, de modo a favorecer o uso de diferentes estratégias de

resolução, traduzindo-se assim numa compreensão dos conteúdos muito mais produtiva por parte dos alunos e, conseqüentemente, num aumento do rendimento escolar (Silva & Lopes, 2015, p.97).

Paiva (2012) aconselha “que o professor, se marca trabalhos de casa, deve corrigir, valorizar e verificar a sua execução. Se marca TPC para depois nem os verificar, os alunos apercebem-se rapidamente disso e o resultado é óbvio” (p.72), os alunos deixam de os cumprir e os mesmos perdem todo o seu valor pedagógico.

Helena Santos Silva e José Lopes (2015) sugerem algumas indicações práticas que os professores devem seguir de modo a motivar os alunos à sua realização e a valorizar o esforço por parte dos estudantes, entre eles marcar regularmente os trabalhos de casa, ter atenção ao tempo de realização que os alunos irão despende, dar trabalhos para casa interessantes, corrigir os trabalhos e dar feedback ao aluno, privilegiar a frequência à quantidade e certificar que os alunos têm as competências necessárias para os realizar (pp.94-97).

6.3. Metodologia

O Relatório Final, tendo por base a prática supervisionada de 1º ciclo, envolve também a realização de uma pesquisa sobre um determinado tema de estudo à escolha do aluno. Neste caso, a temática estudada foi a dos trabalhos para casa no primeiro ciclo do ensino básico, nomeadamente a perspectiva dos alunos e da professora. Para tal, foram recolhidos dados de opinião dos alunos através da aplicação de um questionário (anexo S) no qual eram convidados a partilhar a sua opinião sobre a frequência e quantidade de TPC. A aplicação deste questionário envolveu um pedido prévio de autorização aos Encarregados de Educação para a participação do seu educando neste estudo (anexo T). Também a opinião da professora foi recolhida, através da realização de uma entrevista semiestruturada (anexo U) de modo a conhecer o seu ponto de vista sobre a temática em questão. A entrevista foi transcrita (anexo V) e o seu conteúdo foi analisado e sintetizado. Paralelamente, ao longo do estágio, foi feito um registo diário da realização dos TPC por parte dos alunos (anexo W) para sinalizar eventuais regularidades entre a frequência do cumprimento dos TPC e a opinião dos alunos sobre os mesmos.

6.4. Apresentação de resultados

A apresentação dos resultados é realizada através da análise dos três conjuntos de dados recolhidos (questionário aos alunos, entrevista à professora titular de turma e registo diário do TPC dos alunos).

6.4.1 Registo dos TPC

A partir da análise dos gráficos correspondentes aos meses de abril e maio (anexo X), é possível verificar que apenas um dia com somente 18 alunos a realizarem o TPC, sendo que nos restantes dias pelo menos 20 estudantes (cerca de 83,3%) executarem a tarefa. As classificações representadas pelas cores amarelo e vermelho muito pouco representadas nos gráficos, havendo mesmo dias em que estas são inexistentes.

Pela análise da tabela que agrupa os alunos que realizaram, realizaram parcialmente ou não realizaram o TPC, por dia e por área disciplinar (anexo Y), é possível verificar que a média de alunos que fez o trabalho de casa no total dos dias e por disciplina é superior em estudo do meio, seguindo-se de português e no fim matemática.

6.4.2. Opinião dos alunos sobre o TPC

A opinião dos alunos foi registado por meio de um questionário cujas respostas serão analisadas e apresentadas.

Quanto à frequência com que os alunos realizavam o TPC, (gráfico do anexo Z), 20 alunos declararam fazer os trabalhos para casa todos os dias, enquanto 4 referiram que nem sempre os realizavam.

Quando questionados sobre a sua opinião relativamente a esta prática pedagógica (gráfico do anexo AA), mais de metade da turma concorda que os mesmos ajudam a estudar e que quando os fazem aprendem melhor. Contudo, 50% dos alunos manifesta o gosto por esta prática, embora desejasse que estes fossem em menor quantidade. São da opinião de que fazem parte da sua rotina e de que gostam de os fazer todos os dias, respetivamente 9 e 10 alunos. Apenas 2 alunos manifestaram não gostar de realizar os TPC e nenhum revelou que estes seriam uma perda de tempo, apresentando assim poucos comentários negativos em relação a esta rotina.

Contudo, as opiniões dos alunos no que concerne à quantidade e frequência dos trabalhos (gráfico do anexo AB) variam ligeiramente. Pequenos grupos de alunos (3 a 5) revelam que, se estas decisões dependessem deles, eram enviados menos trabalhos por dia ou a mesma quantidade mas menos dias por semana, existindo ainda a opinião de que os trabalhos só deveriam ser enviados ao fim-de-semana. O número de alunos que não teria a intenção de enviar quaisquer trabalhos de casa é o mesmo que os que desejariam que houvesse mais trabalhos por dia. Todavia, a resposta mais selecionada, e representado mais de 50% da turma, foi a seguinte: “Ficaria exatamente como está”. Isto é, embora alguns alunos pretendessem algumas mudanças nesta prática pedagógica, a maioria deseja que a rotina se mantenha inalterada.

Finalmente, a ordem de preferência das disciplinas é, da que obteve mais para a que obteve menos respostas: matemática, português e estudo do meio.

6.4.3. Opinião da professora sobre os TPC

A professora cooperante, segundo a entrevista realizada, reconhece que alguns alunos têm preferência por não os fazer, contudo é um hábito que eles têm que adquirir e que, como mencionado, alguns referiram já ter.

Relativamente à pertinência dos trabalhos para casa, a professora afirma que estes reproduzem em resumo o que é feito ao longo do dia, criam nos alunos hábitos de estudo e exigem uma organização do seu tempo, evitando que o estudo seja adiado e feito apenas dias antes do teste, e garantindo que no dia-a-dia eles conseguem acompanhar as aulas e mostrar provas do seu conhecimento.

A quantidade e frequência de TPC enviado pela professora segue algumas regras, sendo defendido pela docente que não devem ser numa quantidade que exija mais de vinte minutos do seu tempo, assim como deve ser realizado todos os dias exceto à quinta. A quantidade prende-se com o facto de representar apenas um resumo e não um estudo intensivo sobre o conteúdo, pelo que o TPC deve ser ocupado apenas por um pouco de tempo. A escolha da quinta-feira como o dia da semana em que não são enviados TPC recua a anos anterior em que o Apoio ao Estudo era uma componente letiva mas exterior do horário da turma, lecionado pelo professora e à quinta-feira. Por ser este o dia em que tinham mais carga horária, os alunos não tinham TPC nesse dia. Apesar de agora o Apoio ao Estudo estar abrangido pelo horário

da turma e não haver carga horária extra em nenhum dos dias da semana, a professora considera benéfico preservar este dia sem trabalhos para casa, de modo a que os alunos tenham a oportunidade de ter um dia livres de TPC.

6.5. Considerações Finais

O tema dos trabalhos para casa é polémico entre o público geral, em especial entre agentes da ação educativa e pedagogos, uma vez que são diversas e díspares as opiniões relativamente a esta prática. Os autores consultados apresentam uma opinião favorável a esta estratégia de ensino pelo que, embora reconhecendo que deva ser implementada segundo certos critérios e possa ter algumas desvantagens, é uma prática com reconhecidos benefícios para os alunos.

Os trabalhos para casa são igualmente considerados pela professora e pela turma uma prática que já se tornou rotina e com diversas vantagens para os alunos. Ambas as partes reconhecem que ter o hábito de realizar os TPC diariamente cria nos alunos hábitos de estudo por ser tornar rotineiro trabalhar em casa, garantindo que as aprendizagens e o trabalho se prolongam para casa, não criando uma “quebra” entre estes dois espaços que assumem um papel central na vida da criança. Desta forma, este hábito é desenvolvido desde cedo e apresenta-se como verdadeiramente útil para os anos escolares que se seguem ao 1.º ciclo. Acrescido a esse benefício, a prática rotineira dos TPC funciona ainda como uma ferramenta de estudo constante, garantindo que os alunos vão praticando e consolidando continuamente os novos saberes que vão sendo adquiridos ao longo do período.

É de notar que os alunos preferem as disciplinas de matemática, português e estudo do meio do mais para o menos preferido. Contudo, está registado que os trabalhos de casa que mais cumprem são os de estudo do meio, português e matemática, pela ordem apresentada. Isto é, parece verificar-se uma relação inversa entre as disciplinas que os alunos preferem e as disciplinas às quais são mais rigorosos no cumprimento dos TPC.

A quantidade e a frequência com que os trabalhos são enviados são fatores importantes para garantir que esta estratégia de ensino não perde a sua eficácia. A quantidade de TPC não deve, segundo a professora titular da turma de estágio, ultrapassar os vinte minutos de resolução, opinião partilhada com os autores referidos na fundamentação. Os trabalhos para casa devem ser em quantidade suficiente apenas

para garantir que os alunos reveem o que foi feito na aula durante esse dia, de modo a treinar e estudar os conteúdos diariamente.

Quanto à frequência, os autores não adiantam muitas sugestões ou justificações, afirmando apenas que estes não devem ser enviados em excesso nem devem ser ignorados. Consideram importante ter em conta os conteúdos desse dia e as capacidades dos alunos, garantindo um equilíbrio entre a ausência e o excesso de trabalho.

Para que esta prática seja eficaz e se usufruam de todos os seus benefícios, o aluno deve concretizar este dever sempre que a professora assim o solicitar. Embora a professora da turma e os diversos autores sejam da opinião que os alunos encaram os trabalhos para casa como uma tarefa aborrecida e desprovida de sentido, os questionários realizados à turma manifestam um resultado distinto. Os alunos da turma em que estagiámos revelam ter plena consciência das vantagens inerentes a esta prática, assumido que esta já faz parte da sua rotina diária e que são um ótimo auxiliar de estudo.

Concluindo, os trabalhos de casa devem ser parte integrante da rotina de trabalho da turma e dos alunos em específico, por se revelarem uma prática com variadas vantagens a nível de apoio na sistematização de conteúdos e de organização dos tempos de estudo fora das aulas. Estes devem ser enviados apenas em quantidade suficiente para resumir e treinar o que foi feito nesse dia, garantindo que não ultrapasse cerca de vinte minutos de estudo. As crianças devem conseguir trabalhar e ainda restar tempo para brincar, jogar e despender tempo nos seus demais passatempos.

7. CONCLUSÕES

Na semana seguinte ao término da intervenção foi efetuado um questionário aos alunos, no qual constavam perguntas sobre o período de intervenção das estagiárias (anexo AC). As respostas foram analisadas e compiladas em gráficos apresentados no anexo AD.

A maioria da turma (21 alunos, 87,5%) consideram as aulas motivadoras, revelando que as aulas por nós lecionadas foram interessantes e entusiasmaram os alunos para as aprendizagens, mantendo-os cativados pelos conteúdos e atividades desenvolvidas. Quanto aos materiais usados no decorrer da intervenção (fichas de trabalho, PowerPoint, entre outros) também cerca de 91,7% dos alunos afirmava que os materiais utilizados tinham contribuído para uma boa aprendizagem. É então perceptível a importância que os materiais assumiram na transmissão de conteúdos. No que diz respeito ao esclarecimento de dúvidas e os resultados mostram que apenas alguns alunos ficaram sem dúvidas, o que sugere a necessidade de termos especial atenção às dúvidas que, mesmo não exteriorizadas, possam causar consternação aos alunos.

A segunda pergunta pedia a opinião dos alunos sobre o modo pelo qual mais gostaram de aprender, pelo que os alunos teriam que assinalar as respostas com as quais concordavam. O trabalho de grupo foi o método mais selecionado, por cerca de 70,8% da turma, seguindo-se por cerca de 58,3% que dá clara importância aos recursos utilizados no computador (entre eles os PowerPoint e vídeos). A restante turma prefere ouvir a professora a explicar os conteúdos e fazer fichas de trabalho, enquanto uma minoria de 3 alunos prefere trabalhar sozinho. É, portanto, de salientar a importância dada pelos alunos à diversificação dos métodos de trabalho, preferindo o trabalho em grupo mas assumindo também que têm gosto por um método mais expositivo no qual a professora explica os conteúdos para a turma toda.

Na terceira pergunta, na qual os alunos tinham que apontar um aspeto que os tivesse agradado e um que tivesse desagradado nas aulas das estagiárias, as respostas não foram muito variadas. Neste item de resposta aberta quase todos os alunos referiram terem gostado de tudo e nada lhes ter desagradado. As respostas são positivas, pelo que não apresentam argumentos nem atividades ou aspetos específicos que apoiem a sua opinião, pelo que não é possível fazer uma avaliação elaborada da nossa intervenção em geral pela análise desta pergunta.

Em suma, a opinião geral dos alunos sobre as aulas por nós dadas é positiva, sendo de salientar a utilização do trabalho de grupo para a área disciplinar de estudo do meio e a diversificação tanto dos recursos utilizados como dos métodos de trabalho como pontos positivos da intervenção.

Ao longo do meu percurso académico têm-me sido apontadas várias falhas que tenho vindo a trabalhar com o intuito de corrigir. Entre elas, destaco a dificuldade na gestão dos comportamentos do grupo-turma em contexto de aula, isto é, controlar a forma como os alunos se comportam tendo em conta a atividade que está a ser desenvolvida. A professora titular de turma referiu que o controlo dos alunos devia ser totalmente meu e que, para que todos percebessem quais os seus limites e quais os momentos certos para cada género de comportamento a ter, a aula só deveria avançar quando eu considerasse que se reuniam as condições necessárias para tal. Contudo, por vezes eu estava tão focada em transmitir todos os conhecimentos que acabava por deixar que a turma se dispersasse um pouco para eu poder terminar o que tinha planificado. Só mais tarde, em reflexão pessoal, percebi que não haveria vantagem em tomar essa atitude porque mesmo que eu cumprisse a planificação e explicasse tudo o que tinha para explicar, com barulho e distrações os alunos nunca iam assimilar esse conteúdo, pelo que esse esforço de terminar o que estava planeado seria em vão.

Também neste estágio me foi apontada a falha da organização do quadro e da falta de instrução clara aos alunos. Para estas falhas, foram-me dadas várias dicas de melhoria pela professora cooperante, as quais implementei no sentido de melhorar. Para organizar o quadro foi-me sugerido que tivesse sempre em conta uma linha imaginária que dividia o quadro ao meio, de modo a que o meu texto estivesse sempre dividido em duas colunas. Assim, sempre que chegava ao fim do quadro podia continuar a escrever ao lado, não estando posicionada à frente do meu texto nem tendo que apagar o que escrevi antes, e os alunos com vários ritmos de cópia conseguiam ter o tempo necessário para o fazer. Quanto à instrução das tarefas a desenvolver, foi uma competência que fui desenvolvendo ao longo da minha intervenção, conseguindo, no final do estágio, tornar claro para os alunos a sequência das tarefas que iam decorrer de modo a tornar clara a organização da aula e o papel dos alunos na mesma. Estas duas questões muito ligadas à prática são pormenores muito simples e que ajudam imenso na gestão das aulas, embora nunca ninguém nos tenha revelado isso. Ao pensar em estágios anteriores, penso que eram um género de dicas simples e fáceis de

implementar que nos podiam ter sido fornecidas, de modo a tornar a intervenção mais simples e organizada. No final do estágio, já conseguia organizar o quadro com naturalidade, embora a instrução das tarefas ainda não seja instintiva, tendo eu ainda que recorrer a apontamentos e lembretes para o fazer. No entanto, estes dois pontos sofreram uma rápida melhoria.

Destaco, todavia, algumas potencialidades que apresentei, nomeadamente ao nível das planificações e da conceção das fichas de trabalho e dos *PowerPoint*, meios a que mais recorri como auxiliares de ensino e sistematização de conhecimentos. Embora não conseguisse diversificar os materiais que utilizei na minha intervenção, considero que os que construí estavam adequados aos conteúdos a lecionar, à didática da área disciplinar e à turma em questão.

A preparação científica foi também um ponto a destacar, não só pelo estudo que fiz antes de cada aula, mas também pela formação que me foi dada na ESE, que nos prepara para a prática e para que, na altura de lecionar, não tenhamos que nos preocupar tanto com os conteúdos porque quase os dominamos, mas mais com os materiais e a condução da aula. Para além disso, é também muito positiva a formação ao nível da compreensão do raciocínio dos alunos, tornando-se muitas vezes mais fácil antecipar o tipo de erros ou dúvidas que os alunos terão, facilitando a preparação da prática. Assim, considero positivo o percurso feito na ESE ao nível do ensino de conteúdos e de tipologias de erros.

Criar sequências de atividades adequadas aos alunos e ao nível e ensino é sempre um desafio para mim, por considerar que esta se revela uma tarefa complexa mas de extrema importância para o processo de aprendizagem dos alunos. Com uma sequência adequada do ensino dos conteúdos, torna-se mais fácil para os alunos assimilarem até os temas mais complexos, nomeadamente ao nível da matemática, área que se revela um grande desafio no 3º ano de escolaridade, principalmente após a aprovação do novo programa há dois anos atrás. A construção de uma sequência com encadeamento das tarefas e uma complexificação gradual dos conteúdos permite aos alunos uma compreensão progressiva do que está a ser ensinado, assim como uma construção gradual dos conhecimentos. Deste modo, as aprendizagens são significativas porque fazem sentido para o aluno. Contudo, esse aspeto não foi apontado como falha, pelo que considero ter concluído esse desafio com sucesso.

É-me possível, no final do estágio e depois de alguma reflexão pessoal, determinar vários pontos nos quais tenho que melhorar relativamente à minha intervenção.

Um deles é, sem dúvida, a persistência no trabalho relativo à eficaz gestão de comportamentos da turma, para que as aulas decorram com a maior fluência possível e com um maior aproveitamento por parte dos alunos. Outra falha que vou tentar continuar a colmatar é a diversificação dos recursos a utilizar, uma vez que os alunos aprendem mais com o que desperta a atenção deles, e se os materiais forem sempre iguais, as ações passam a ser rotineiras e a atividade letiva deixa de lhes captar o interesse. Para que a motivação deles não se esmoreça, considero fulcral implementar constantemente rotinas e atividades novas, adaptando-se sempre as atividades e os materiais ao crescimento e interesses dos alunos, de modo a que estes nunca percam a vontade de aprender.

Destaco ainda a professora titular de turma, que se revelou um apoio muito grande no estágio, dando feedback diário da minha intervenção e contribuindo para a melhoria da mesma através de variados conselhos profissionais.

Concebendo agora uma perspetiva geral sobre o período de estágio, penso que se revelou positivo, uma vez que foi possível aproveitar as potencialidades que eu já possuía e colmatar algumas das minhas fragilidades, melhorando assim a minha prática pedagógica e contribuindo para o desenvolvimento da turma, quer a nível de conteúdos como a nível de competências pessoais. Tenho noção que possuo ainda muitas fragilidades por melhorar, e pretendo sempre manter uma postura de constante aperfeiçoamento de modo a tornar-me melhor professora, tendo sempre em vista o desenvolvimento e o aproveitamento da turma, considerando que esta deve ser a atitude de qualquer profissional da educação.

REFERÊNCIAS

- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Carvalho, A. D. (Org.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora
- Conselho Nacional de Educação. (1994). *A avaliação dos alunos da educação e do ensino secundário*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- DEB (2002). *Reorganização Curricular – Ensino Básico – Avaliação das aprendizagens das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação
- Dias, I. D. (2004). *Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico Contributo das atividades práticas e experimentais em ciências para o aumento da Motivação dos alunos*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa. Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.21/3789>
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores
- Fontainel-Brassart, S. & Rouquet, A. (1977). *A educação artística na acção educativa*. Coimbra: Livraria Almedina
- Fontes, A. & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo*. Porto: Porto Editora.
- Keller, F. (1972). *Aprendizagem: Teoria do reforço*. São Paulo: Editora Herder
- Lemos, V. V., Neves, A., Campos, C., Conceição, J. M. & Alais, V. (1993). *A nova avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Maneta, C. (2013). *A explicitação do raciocínio na resolução de problemas no 2º ciclo do ensino básico: contributos para o desenvolvimento das competências orais e escritas*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação do Instituto

Politécnico de Lisboa, Lisboa. Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.21/3269>

- Marques, R. (2001) *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F. (1998) *A Família e o Sucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Presença
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um Desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico. *Inovação*, 11, 77-98. Consultado em http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_d_01_org_social_trab_aprend1ceb_sniza.pdf
- Paiva, R. (2012) *Ensina o teu filho a estudar*. Lisboa: A Esfera dos Livros
- Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. C. (1993). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Rodrigues, P. B. (2012). *Aprendizagem cooperativa em contexto de sala de aula*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. Consultada em <http://tinyurl.com/qxuefzn>
- Santrock, J.W. (2009) *Psicologia Educacional*. São Paulo: McGraw-Hill
- Silva, H. S. & Lopes, J. (2015) *Eu, professor, pergunto: 20 respostas sobre planificação do ensino-aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação*. Lisboa: Factor
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - 2º volume*. Lisboa: Instituto Piaget

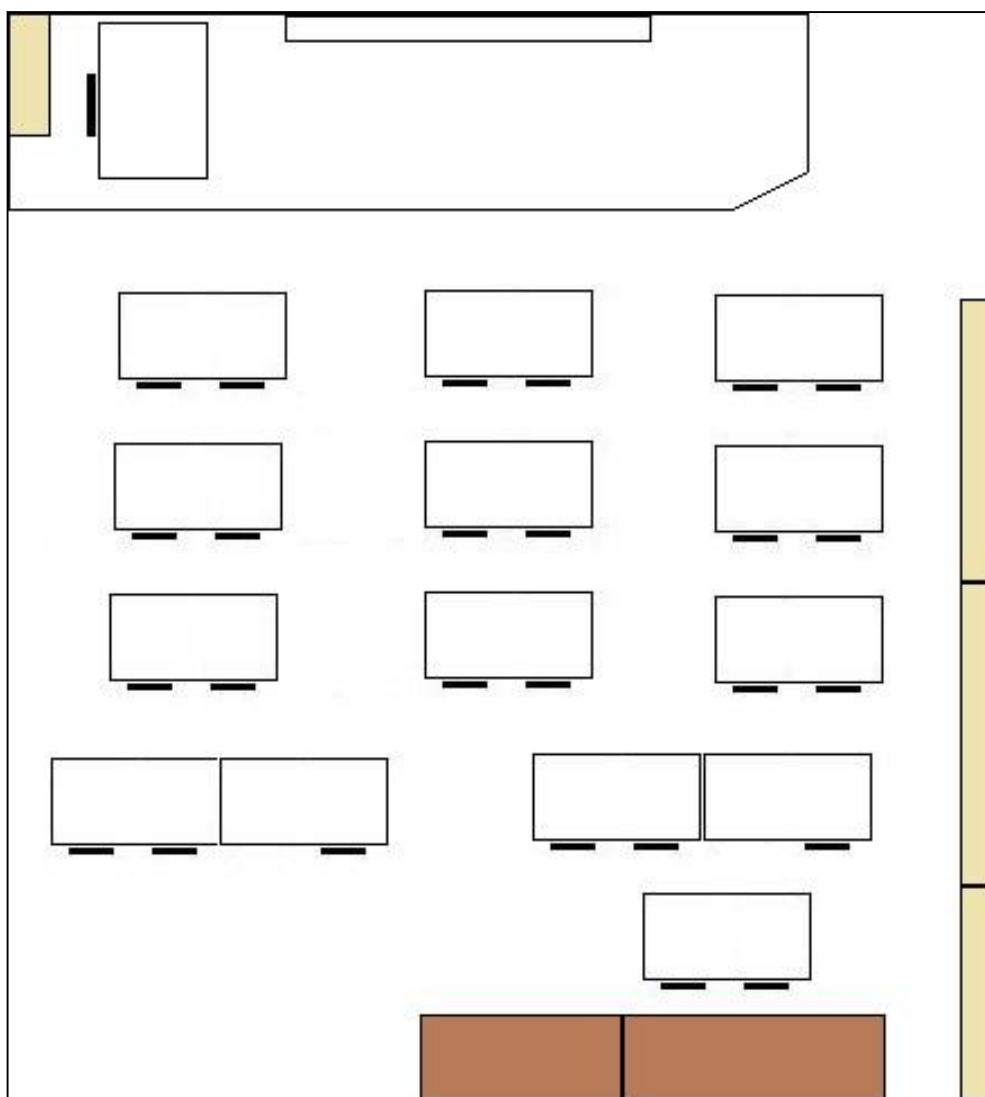
Documentos orientadores do agrupamento

Projeto Educativo (2010)

Regulamento Interno (2014)

ANEXOS

Anexo A. Planta da sala






Anexo B. Horário da turma

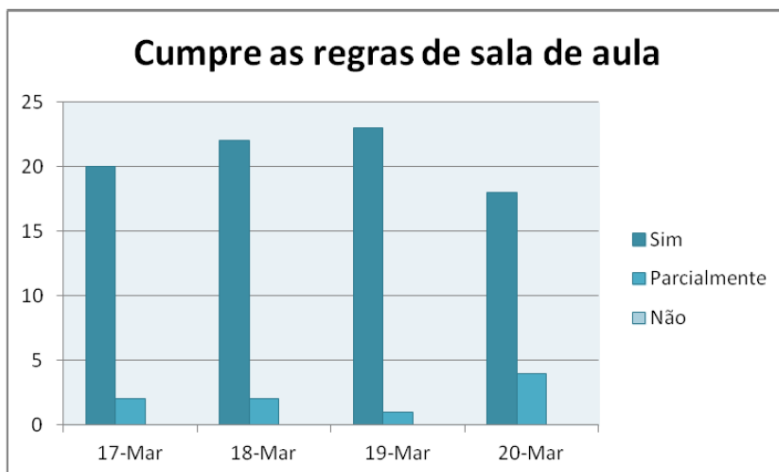
	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
09:15h – 11:15h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11:45h – 12:45h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
14:00h – 15:00h	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio
				Apoio ao Estudo	
15:00h – 16:00h	Expressões	Educação para a Cidadania/Português	Expressões	Apoio ao Estudo	Português

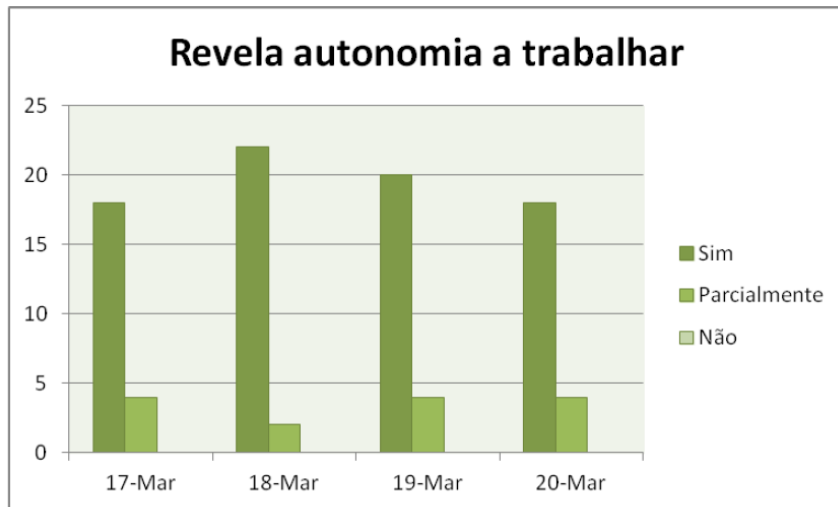
Anexo C. Grelha de valores e de comportamentos

Período da intervenção:							
Dia da Semana:							
Componente Letiva:							
Indicadores Alunos	Geral					Trabalho em Grupo	
	Cumpre as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho	Aceita a opinião dos colegas	<input type="checkbox"/> Abordou-se o trabalho em grupo	Ajuda os seus pares
1. Al.							
2. Au.							
3. E.							
4. F.							
5. Gi.							
6. Gui.							
7. H.							
8. I.							
9. Jo.							
10. Jos.							
11. La.							
12. Lo.							
13. Mad.							
14. Marg.							
15. M. C.							
16. M. I.							
17. M. R.							
18. P. A.							
19. P. V.							
20. P. J.							
21. S. F.							
22. S. P.							
23. T.							
24. A.							

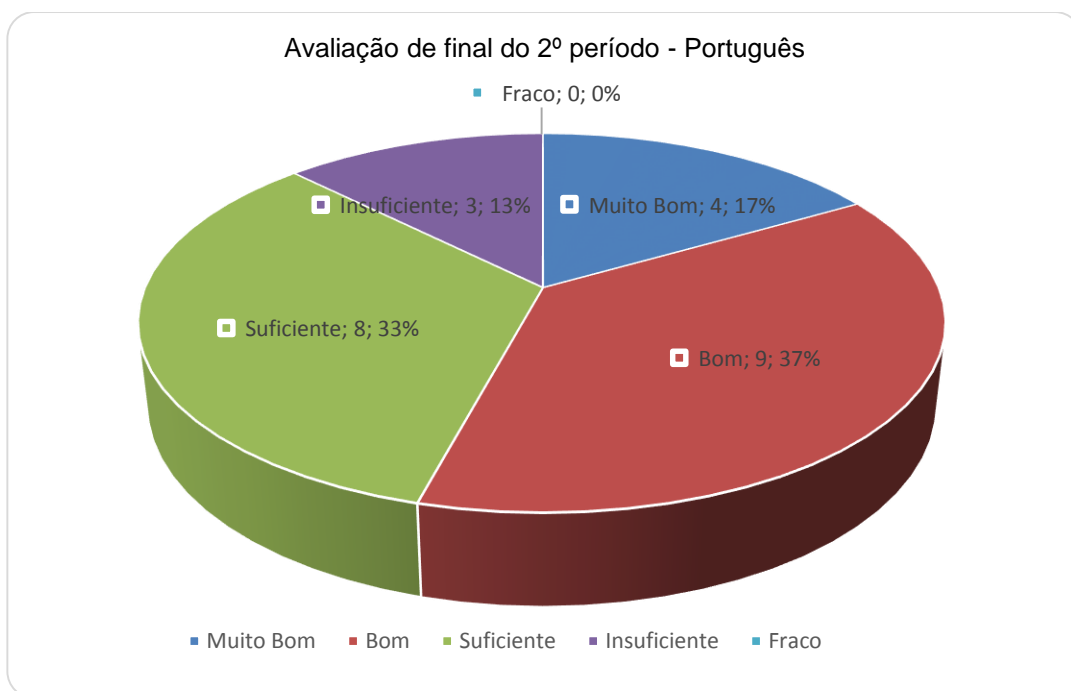
<u>Código de avaliação:</u>	Verificou-se o comportamento		Verificou-se parcialmente o comportamento		Não se verificou o comportamento	
-----------------------------	------------------------------	---	---	---	----------------------------------	---

Anexo D. Gráficos de análise da grelha de observação de valores e comportamentos

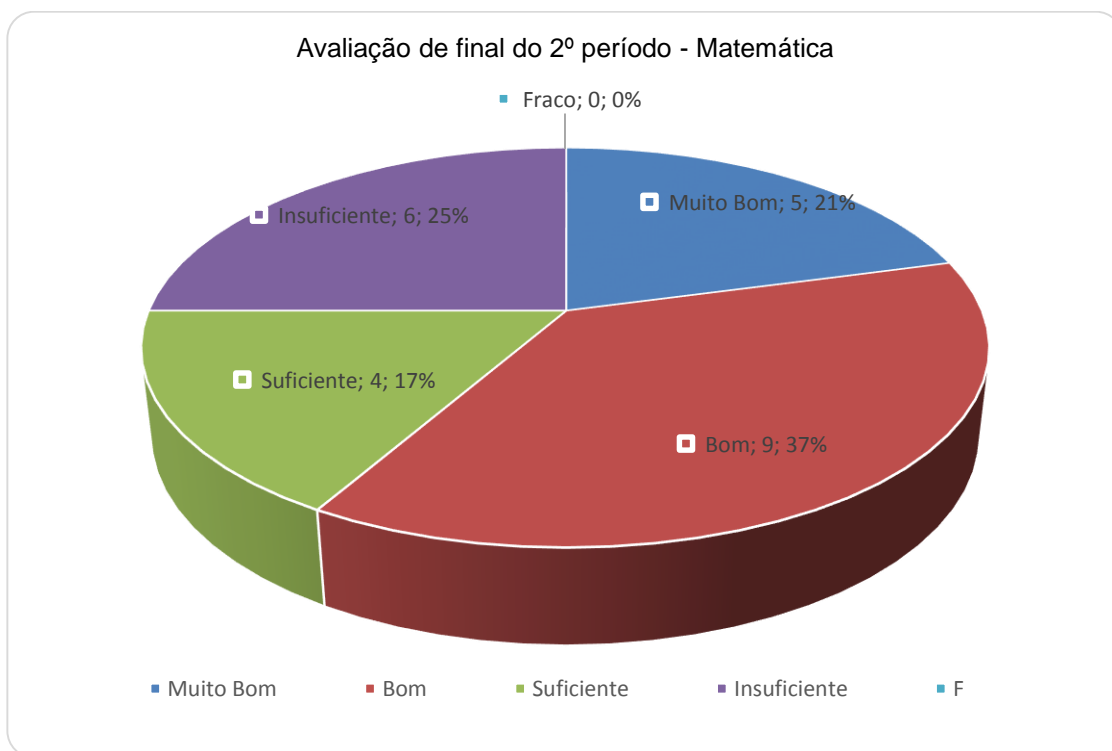




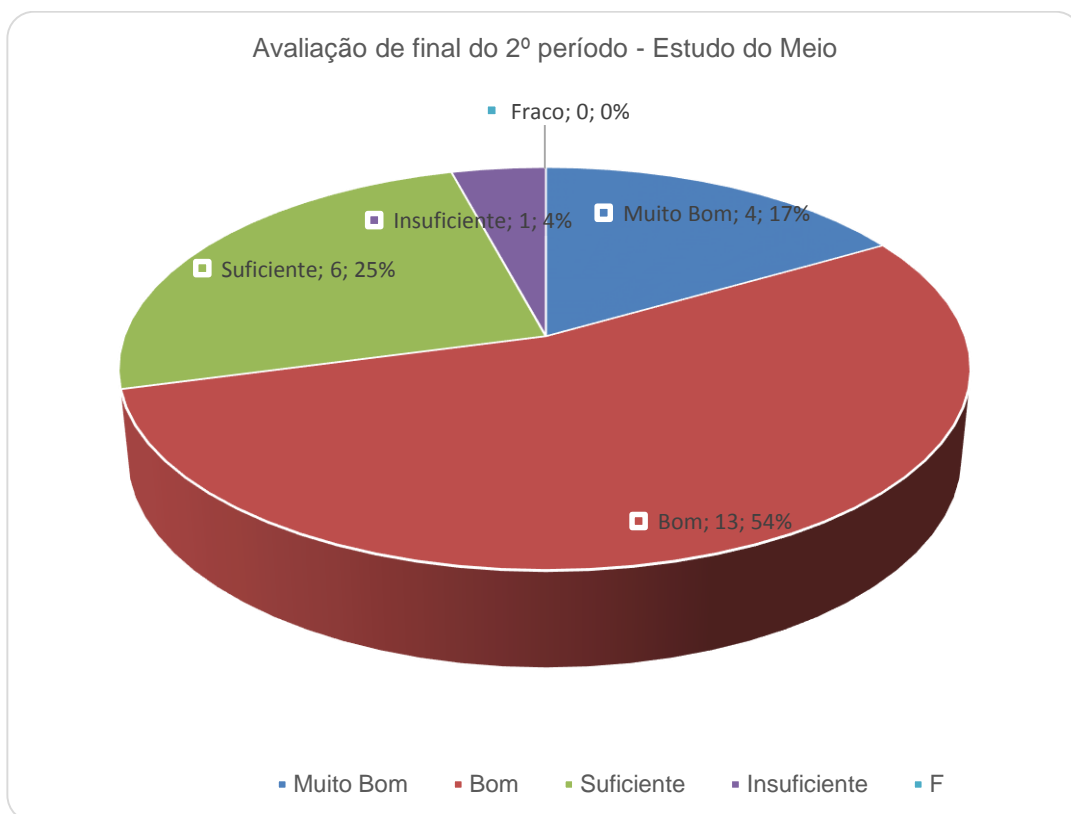
Anexo E. Gráfico da avaliação final de 2º período de português



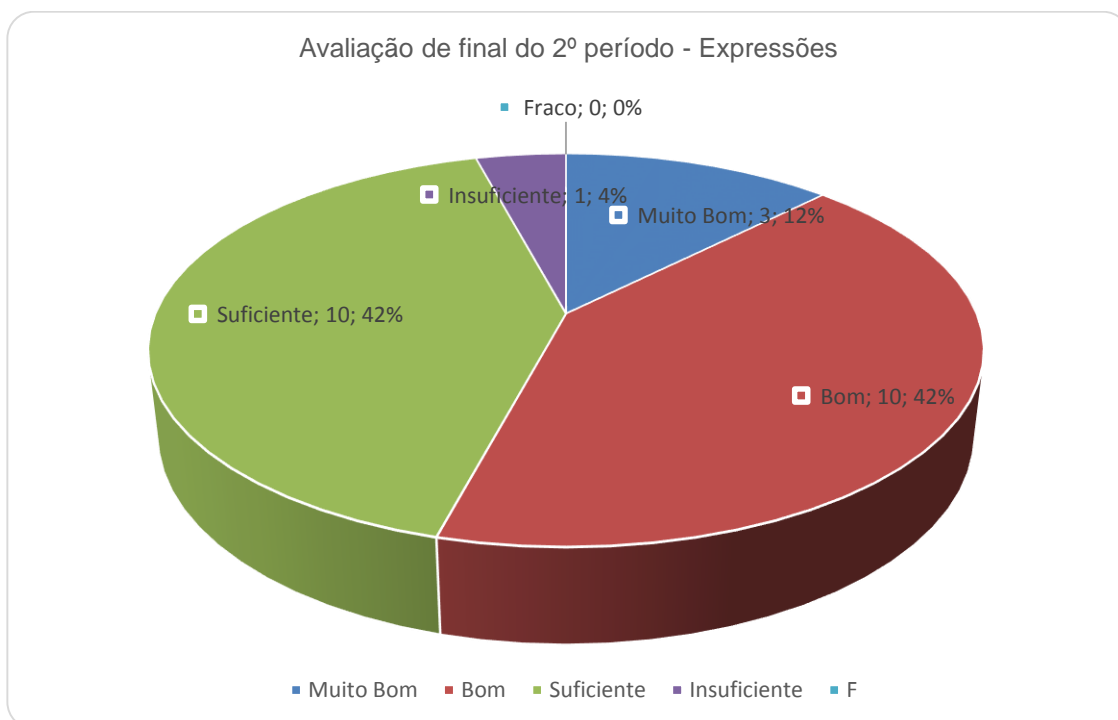
Anexo F. Gráfico da avaliação final de 2º período de matemática



Anexo G. Gráfico da avaliação final de 2º período de estudo do meio



Anexo H. Gráfico da avaliação final de 2º período de expressões



Anexo I. Plano de ação por área disciplinar

	Conteúdos	Objetivos Gerais	Estratégias /Atividades	Avaliação
Português	<ul style="list-style-type: none"> → Leitura: ler para aprender → Expressão Escrita → Géneros Literários → Conhecimento Explícito da Língua 	<p><u>Compreensão do oral</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Detectar semelhanças e diferenças entre o texto oral (ouvido ou lido) e o texto escrito; → Manifestar sentimentos, sensações, ideias e pontos de vista pessoais suscitados pelos discursos ouvidos; <p><u>Expressão oral</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Participar em atividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: justificar opiniões; moderar a discussão; justificar atitudes, opções, escolhas e comportamentos; <p><u>Leitura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Ler de modo autónomo, de acordo com orientações previamente estabelecidas, textos de diferentes tipos e com diferente extensão; → Recriar textos em diferentes formas de expressão (verbal, musical, plástica, gestual e corporal); <p><u>Escrita</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado; respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação; utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados → Planificar textos de acordo com o objectivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos: recolher a informação em diferentes suportes; organizar a informação. <p><u>Conhecimento Explícito da Língua</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Distinguir classes de palavras; → Distinguir discurso directo e discurso indirecto; → Manipular palavras (ou grupos de palavras) em frases: expandir, substituir, reduzir, segmentar e deslocar elementos; → Distinguir sujeito de predicado; → Flexionar verbos do modo indicativo. 	<ul style="list-style-type: none"> → Realização de momentos de leitura. → Realização de momentos de escrita criativa e orientada. → Realização de trabalho em grupo e individual 	<p>Grelhas de observação</p> <p>Grelhas de observação de comportamentos e atitudes;</p> <p>Grelha de registo dos TPC;</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Grelha de análise de Produtos</p>

Matemática	<ul style="list-style-type: none"> → Números naturais <ul style="list-style-type: none"> ❖ Números naturais até um milhão; → Multiplicação de números naturais <ul style="list-style-type: none"> ❖ Cálculo mental: produto por 10, 100, 1000, etc.; ❖ Produto de um número de um algarismo por um número de dois algarismos; ❖ Algoritmo da multiplicação envolvendo números até um milhão; → Divisão inteira <ul style="list-style-type: none"> ❖ Problemas de até três passos envolvendo situações de partilha equitativa e de agrupamento. → Representação decimal de números racionais não negativos <ul style="list-style-type: none"> ❖ Algoritmos para a adição e para a subtração de números racionais representados por dízimas finitas; 	<ul style="list-style-type: none"> → Contar até um milhão; → Multiplicar números naturais; → Efetuar divisões inteiras; → Resolver problemas; → Descodificar o sistema de numeração decimal; → Identificação de eixos de simetria em figuras planas; → Unidades de medida de comprimento do sistema métrico. 	<ul style="list-style-type: none"> → Resolução de situações problemáticas → Comunicação de raciocínios individuais. → Exploração de materiais → Continuação das rotinas de cálculo atuais e implementação de novas. → Realização de trabalho em grupo e individual 	<p style="text-align: center;">Grelhas de observação</p> <p style="text-align: center;">Grelhas de observação de comportamentos e atitudes;</p> <p style="text-align: center;">Grelha de registo dos TPC's;</p> <p style="text-align: center;">Fichas de trabalho</p> <p style="text-align: center;">Grelha de análise de Produtos</p>
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> → Aspetos físicos do meio local → Itinerários → Localizar espaços em relação a um ponto de referência → Diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade → Deslocações dos seres vivos → Comércio local → Meios de comunicação Competências: → Tratamento de informação / utilização de fontes; → Temporalidade / Espacialidade / Contextualização; Comunicação em história. 	<ul style="list-style-type: none"> → Identificar algumas das características (cor, textura, cheiro, permeabilidade) dos diferentes tipos de solo; → Descrever itinerários → Localizar espaços → Reconhecer as funções dos diferentes espaços (públicos e privados) → Reconhecer que as pessoas (e animais) se deslocam → Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio → Reconhecer a evolução dos transportes e comunicação → Identificar os maiores rios de Portugal → Identificar as maiores elevações de Portugal 	<ul style="list-style-type: none"> → Utilização de fontes → Realização de atividades que envolvem a pesquisa, tratamento de informação e comunicação → Realização de atividade de leitura de mapas → Realização de um itinerário → Realização de visita ao meio local → Realização de trabalho em grupo e individual 	<p style="text-align: center;">Grelhas de observação</p> <p style="text-align: center;">Grelhas de observação de comportamentos e atitudes;</p> <p style="text-align: center;">Grelha de registo dos TPC's;</p> <p style="text-align: center;">Fichas de trabalho</p> <p style="text-align: center;">Grelha de análise de Produtos</p>

Expressões	<ul style="list-style-type: none"> → Experimentação → Criação/ Fruição → Análise / Pesquisa → Comunicação Visual 	<p><u>Expressão Dramática</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → O aluno explora as suas potencialidades expressivas e comunicativas em situações de prática e avaliação de actividades dramáticas <p><u>Expressão Musical</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → O aluno canta sozinho e em grupo, com intencionalidade expressiva, canções de diferentes formas, géneros e estilos, em métrica binária e ternária, utilizando a memória. → O aluno toca sozinho e em grupo, peças de diferentes formas, géneros, estilos e culturas, utilizando técnicas diferenciadas de acordo com a tipologia musical, em instrumentos não convencionais → O aluno identifica, analisa e descreve características rítmicas, melódicas, tímbricas e formais da música. <p><u>Expressão Plástica</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → O aluno manifesta capacidades expressivas e comunicativas nas suas produções plásticas, assim como na observação das diferentes formas visuais. <p><u>Educação Físico-Motora</u></p> <ul style="list-style-type: none"> → Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas: Resistência Geral; Flexibilidade; Controlo de postura; Equilíbrio dinâmico; Controlo da orientação espacial; Ritmo; Agilidade. → Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma. → Realizar ações motoras básicas de deslocamento. → Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios 	<ul style="list-style-type: none"> → Situações dramáticas e improvisadas despolegadas por indutores → Atividades de experimentação e análise musical → Atividades plásticas 	<p style="text-align: center;">Grelhas de observação</p> <p style="text-align: center;">Grelhas de observação de comportamentos e atitudes;</p>
-------------------	--	--	--	---

Anexo J. Grelhas de avaliação das competências sociais

Período da intervenção: Intervenção				
Dia da Semana: segunda-feira; 13/04/2015				
Componente Letiva: Português; Matemática (<i>manhã</i>); Estudo do Meio; Expressões (Expressão Plástica); Matemática (<i>tarde</i>)				
Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: quinta-feira; 16/04/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Matemática; Português (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: segunda-feira; 20/04/2015
 Componente Letiva: Português; Matemática (manhã); Estudo do Meio; Expressões (Expressão Musical);(tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: quinta-feira; 23/04/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Apoio ao Estudo (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumpre as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: segunda-feira; 27/04/2015
 Componente Letiva: Português; Matemática (manhã); Estudo do Meio; Expressões (Expressão Plástica); Matemática (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumpre as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: quinta-feira; 30/04/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Apoio ao Estudo (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: quinta-feira; 04/05/2015
 Componente Letiva: Português; Matemática (manhã); Estudo do Meio (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: terça-feira; 05/05/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Educação para a cidadania; Português (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: quinta-feira; 11/05/2015
 Componente Letiva: Português; Matemática (manhã); Estudo do Meio (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10(Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: terça-feira; 12/05/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Educação para a cidadania; Português (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: segunda-feira; 18/05/2015
 Componente Letiva: Português; Matemática (manhã); Estudo do Meio (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

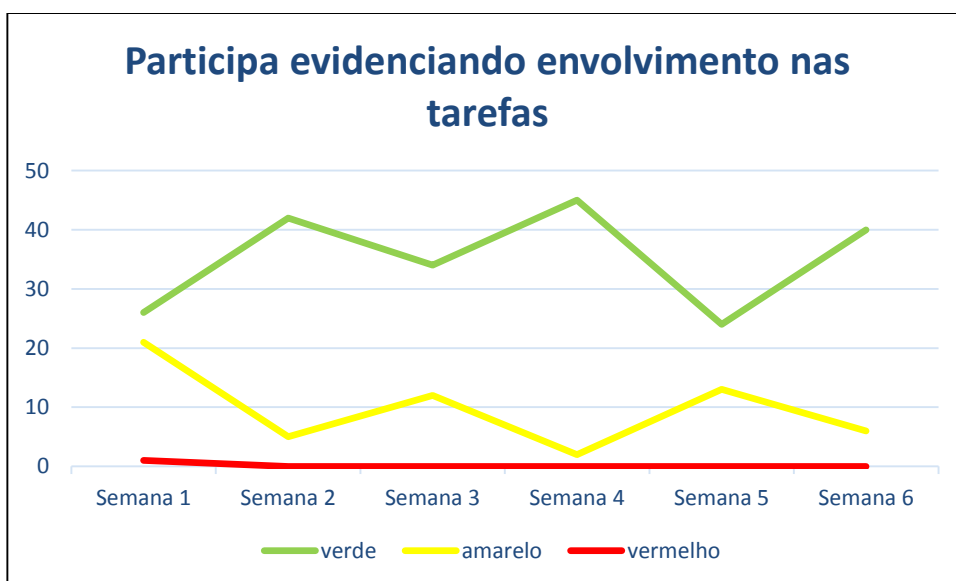
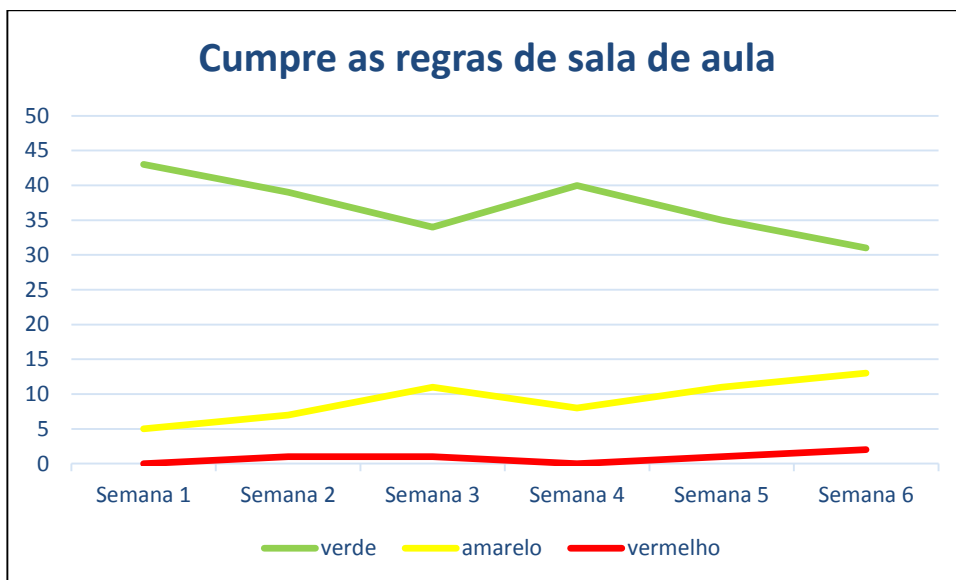
Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

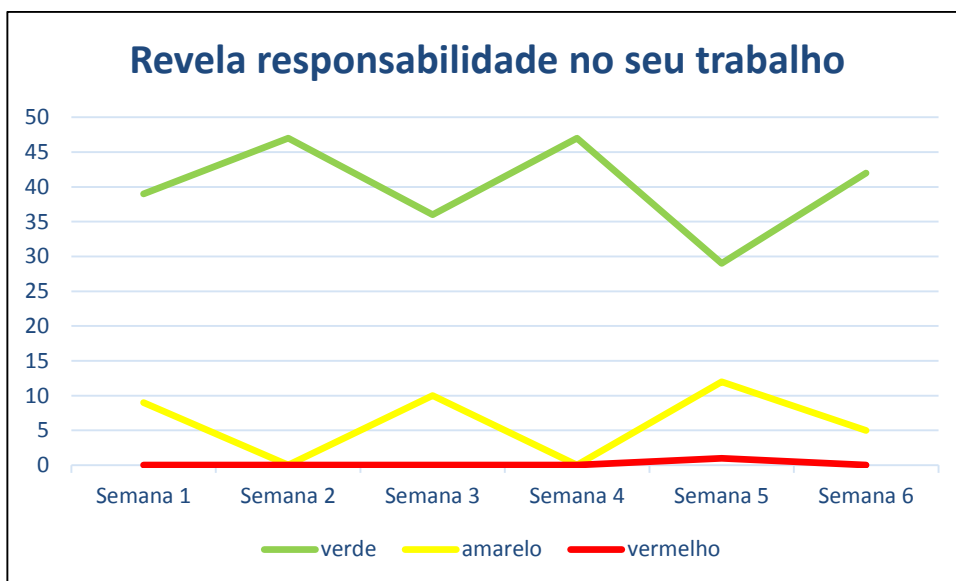
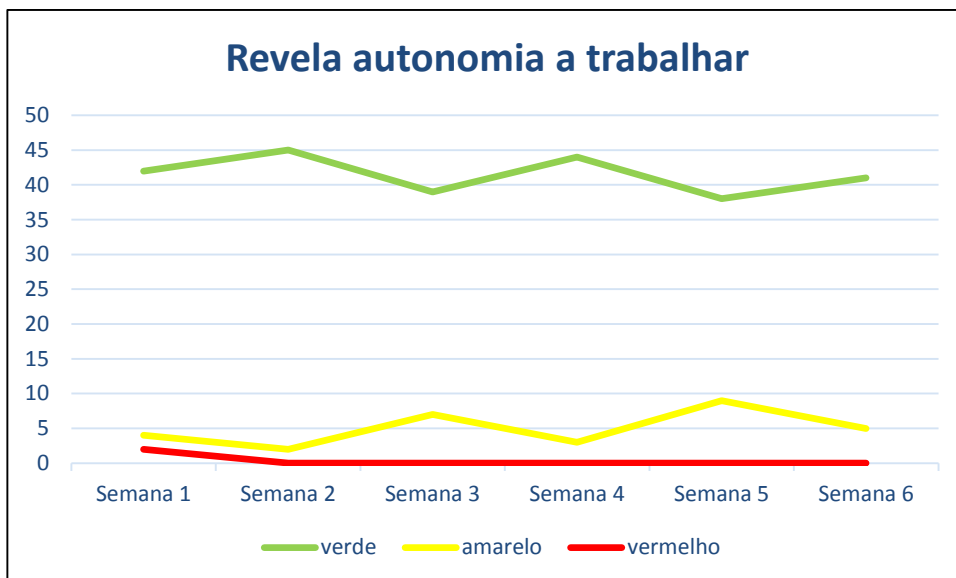
Período da intervenção: Intervenção
 Dia da Semana: terça-feira; 19/05/2015
 Componente Letiva: Matemática; Português (manhã); Estudo do Meio; Educação para a cidadania; Português (tarde)

Indicadores	Geral			
	Cumprir as regras de sala de aula	Participa evidenciado envolvimento nas tarefas	Revela autonomia a trabalhar	Revela responsabilidade no seu trabalho
Alunos				
1 (Ali)				
2 (Auro)				
3 (Estr)				
4 (Franc)				
5 (Gif)				
6 (Gui)				
7 (Hu)				
8 (In)				
9 (Jo)				
10 (Jos)				
11 (Laur)				
12 (Lour)				
13 (Mada)				
14 (Marg)				
15 (M.Car)				
16 (M. In)				
17 (M. Rit)				
18 (Pedr. A.)				
19 (Pedr. V.)				
20 (Pedr. J.)				
21 (Sof F.)				
22 (Sof P.)				
23 (Tiag)				
24 (An)				

Código de Avaliação		
Verificou-se o comportamento	Verificou-se parcialmente o comportamento	Não se verificou o comportamento

Anexo K. Gráficos de interpretação das grelhas de avaliação das competências sociais





Anexo L. Grelha de registo da avaliação da competência leitora

Indicadores	Lê, de modo autónomo, de acordo com orientações previamente estabelecidas																											
	Lê de forma clara e audível										Respeita os sinais de pontuação										Lê com a entoação e ritmo adequado							
	13/04	15/04	22/04	27/04	29/04	04/05	06/05	11/05	13/05	13/0	15/0	22/0	27/0	29/0	04/0	06/0	11/0	13/05	13/0	15/0	22/0	27/0	29/0	04/0	06/0	11/0	13/05	
1. Al.																												
2. Au.						F								F										F				
3. E.				F								F										F						
4. F.																												
5. Gi.																												
6. Gui.																												
7. H.																												
8. I.					F								F									F						
9. Jo.																												
10. Jos.																												
11. La.																												
12. Lo.																												
13. Mad.																												
14. Marg.																												
15. M. C.																												
16. M. I.																												
17. M. R.				F								F										F						
18. P. A.																												
19. P. V.																												
20. P. J.																												
21. S. F.																												
22. S. P.																												
23. T.								F																				
24. A.																												

Anexo M. Grelhas de registo de avaliação do exercício ortográfico (de palavras e texto)

Grelha Avaliação Exercício Ortográfico (Ditado de palavras)									
Alunos \ Data	13/04	29/04		6/05		11/05		13/05	
		erros	faltas	erros	faltas	Erros	faltas	erros	faltas
1. Al.	7	7	1	6	0	5	1	5	1
2. Au.	2	3	3	6	0	2	1	4	1
3. E.	3	2	1	2	3	4	1	9	2
4. F.	1	0	0	1	0	0	0	0	1
5. Gi.	0	1	0	0	0	0	0	1	0
6. Gui.	1	1	1	4	0	0	1	7	0
7. H.	4	11	3	3	1			1	1
8. I.	2	F	F	2	1	1	1	5	1
9. Jo.	1	1	0	2	0	1	1	1	1
10. Jos.	7	3	1	5	0	5	1	5	2
11. La.	0	1	0	0	1	1	0	3	1
12. Lo.	3	2	3	4	0	0	1	4	2
13. Mad.	6	3	1	6	0	3	1	6	2
14. Marg.	5	4	1	7	0	3	1	6	4
15. M. C.	1	4	0	4	1	0	0	3	0
16. M. I.	0	0	0	0	0	2	0	0	0
17. M. R.	0	2	1	1	0	0	0	0	0
18. P. A.	2	0	1	2	1	0	0	2	0
19. P. V.	4	1	1	4	0	1	0	0	1
20. P. J.	4	2	2	7	1	2	0	8	3
21. S. F.	2	0	0	2	0	0	0	1	0
22. S. P.	1	1	2	3	0	0	1	1	2
23. T.	2	0	0	1	0	F	F	2	1
24. A.		16	0	12	0	5	0	11	1

Grelha Avaliação Exercício Ortográfico (Ditado de texto)						
Alunos	Data	15/04	20/04		27/04	
		Erros	Erros	Faltas	Erros	Faltas
1. Al.		6	8	1	8	2
2. Au.		2	3	0	4	1
3. E.		2	5	3	F	F
4. F.		0			0	0
5. Gi.		0	0	0	1	0
6. Gui.		4	1	2	5	3
7. H.		15			17	0
8. I.		4	4	0	4	2
9. Jo.		1	1	0	3	2
10. Jos.		4	9	0	10	1
11. La.		1			1	0
12. Lo.		5	4	0	7	0
13. Mad.		13	8	0	13	2
14. Marg.		10	5	0	7	4
15. M. C.		6	6	0	13	4
16. M. I.		0	0	1	1	0
17. M. R.		1	1	0	F	F
18. P. A.		6	2	0	0	2
19. P. V.		4	2	0	3	1
20. P. J.		10	14	0	19	2
21. S. F.		4	1	0	3	0
22. S. P.		2	2	1	5	6
23. T.		3	1	0	5	3
24. A.			5	0	7	0

<u>Código de avaliação:</u>	0-2 erros		3-5 erros		6-10 erros		11-20 erros	
-----------------------------	-----------	--	-----------	--	------------	--	-------------	--

Anexo N. Grelha de registo da avaliação formativa da área disciplinar de português

Grelha Avaliação Formativa Português																				
Atividade	Exercício ortográfico (palavras) 13/04	Caligrafia "Olhos da minha mãe" 29/04		Exercício ortográfico (palavras) 29/04		Caligrafia "Um estranho contrato" 30/04		Produção Escrita 5/05	Caligrafia "João Pateta" 5/05		Exercício ortográfico (palavras) João Pateta 6/05		Caligrafia "Posso mudar de lugar" 8/05		Exercício ortográfico (palavras) "Posso mudar de lugar?" 11/05		Caligrafia "Menina do mar" 13/05		Exercício ortográfico (palavras) "Menina do Mar" 13/05	
		erros	faltas	erros	faltas	erros	faltas		erros	faltas	erros	faltas	erros	faltas	erros	faltas	erros	faltas	erros	faltas
1. Al.	7		9	7	1	Repetir	Suficiente +	1		6	0	Copiou errado	5	1	Faltou uma frase	5	1			
2. Au.	2	1		3	3	1	Muito Bom	3	2	6	0	Letra muito grande	2	1	4	0	4	1		
3. E.	3	1		2	1	Correto	Muito Bom	Correto		2	3	0	6	4	1	1	2	9	2	
4. F.	1	Correto		0	0	Repetir	Suficiente	0	1	1	0	Copiou errado	0	0	Correto			0	1	
5. Gi.	0	Correto		1	0	Correto	Muito Bom		2	0	0	Correto	0	0	Correto			1	0	
6. Gui.	1	Correto		1	1		Suficiente +		1	4	0	2	0	0	1	1	1	7	0	
7. H.	4			11	3		Feito com ajuda	Correto		3	1	Falta parágrafo			2	0		1	1	
8. I.	2	F		F	F	1	Bom +	Correto		2	1	Correto	1	1	Repetição			5	1	
9. Jo.	1		1	1	0	Correto	Suficiente	Correto		2	0	Correto	1	1	Correto			1	1	
10. Jos.	7	Correto		3	1	Correto	Bom +		1	5	0	2	0	5	1	Repetição		5	2	
11. La.	0		1	1	0	Correto	Muito Bom -		4	0	1	1	0	1	0	Correto		3	1	
12. Lo.	3		2	2	3	Correto	Suficiente	Correto		4	0	Descuidado	0	1	Não levou TPC			4	2	
13. Mad.	6	Correto		3	1	Correto	Bom +		3	6	0	Copiou errado	3	1	Correto			6	2	
14. Marg.	5	Correto		4	1	Correto	Suficiente -	1	3	7	0	2	0	3	1	1	1	6	4	
15. M. C.	1	1		4	0		Bom +		1	4	1	0	1	0	0	Correto		3	0	
16. M. I.	0	Correto		0	0	Correto	Bom +	Correto		0	0	Parágrafos mal assinalados	2	0	0	2		0	0	
17. M. R.	0	Correto		2	1	Correto	Bom -	Correto		1	0	Correto	0	0	Correto			0	0	
18. P. A.	2		13	0	1	Faltou um parágrafo	Insuficiente	Correto		2	1		4	0	0	Correto		2	0	
19. P. V.	4	1	1	1	1	1	Suficiente	Correto		4	0	1		1	0	Correto		0	1	
20. P. J.	4	Pouco cuidada		2	2	Pouco cuidada	Suficiente -	Não fez		7	1	1	1	2	0	Repetição		8	3	
21. S. F.	2	1		0	0	Correto	Suficiente		1	2	0	1		0	0	Correto		1	0	
22. S. P.	1	Correto		1	2	correto	Muito Bom	Correto		3	0	Letra pouco cuidada	0	1	1	1		1	2	
23. T.	2			0		0		Correto		1	0			F	F	4	1	2	1	
24. A.		1	3	16		0	Suficiente	Trabalho incompleto		12	0			5	0	0	1	11	1	

Grelha Avaliação Formativa Português (continuação)				
Atividade Alunos	Produção Escrita 13/05	Exercício ortográfico (texto) de texto "O velho crocodilo" 19/05		Produção Escrita 19/05
		erros	faltas	
1. Al.	Muito Bom	4	5	Muito Bom
2. Au.	Bom +	3	1	Bom -
3. E.	Bom	3	3	Bom
4. F.	Bom	0	2	Suficiente +
5. Gi.	Bom -	0	0	Bom +
6. Gui.	Muito Bom	1	1;1 (falha)	Suficiente +
7. H.	Bom	10	3	Bom -
8. I.	Bom -	1	1	Bom +
9. Jo.	Muito Bom	1	2	Suficiente +
10, Jos.	Suficiente	2	4	Bom -
11. La.	Bom +	1	1	Muito Bom
12. Lo.	Bom	F		Suficiente -
13. Mad.	Suficiente	F		Bom -
14. Marg.	Bom	5	2	Bom
15. M. C.	Suficiente	4	5	Bom
16. M. I.	Bom +	0	1	Bom -
17. M. R.	Bom +	0	0	Bom
18. P. A.	Suficiente +	1	1	Suficiente
19. P. V.	Suficiente +	1	2	Suficiente +
20. P. J.	Suficiente	5	5	Suficiente
21. S. F.	Bom	1	2	Bom -
22. S. P.	Muito Bom	0	1	Muito Bom
23. T.	Insuficiente	1	3; 5(falha)	Suficiente -
24. A.	Insuficiente	22	4	Suficiente -

<u>Código de avaliação:</u>	0-2 erros		3-5 erros		6-10 erros		11-20 erros	
-----------------------------	-----------	--	-----------	--	------------	--	-------------	--

Anexo O. Grelha de registo de avaliação diagnóstica e final das componentes de matemática

Avaliação descritiva das componentes do currículo – Matemática																									
Forma de avaliação	Alunos	1 (A.)	2 (Au.)	3 (E.)	4 (F.)	5 (Gi.)	6 (Gu.)	7 (H.)	8 (I.)	9 (Jo)	10 (Jos)	11 (La)	12 (Lo)	13 (Md)	14 (Mr)	15 (M.C)	16 (M. I)	17 (M. R.)	18 (P. A.)	19 (P. V.)	20 (P. J.)	21 (S. F.)	22 (S.P.)	23 (T.)	24 (A.)
		Componentes																							
Avaliação Diagnóstica	Números	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Muito Bom	Bom	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Operações	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Organização e tratamento de dados	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Geometria e medida	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
Avaliação Sumativa	Números	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Muito Bom	Bom	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Operações	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Organização e tratamento de dados	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente
	Geometria e medida	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Insuficiente	Bom	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Insuficiente	Insuficiente	Bom	Bom	Insuficiente	Insuficiente

<u>Código de avaliação:</u>	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
-----------------------------	-----------	-----	------------	--------------

Anexo P. Grelha de registo de avaliação diagnóstica e final das componentes de estudo do meio

Avaliação descritiva das componentes do currículo – Estudo do Meio																										
Forma de avaliação	Alunos	1 (A.)	2 (Au.)	3 (E.)	4 (F.)	5 (Gi.)	6 (Gu.)	7 (H.)	8 (I.)	9 (Jo)	10 (Jos)	11 (La)	12 (Lo)	13 (Md)	14 (Mr)	15 (M.C)	16 (M. I)	17 (M. R.)	18 (P. A.)	19 (P. V.)	20 (P. J.)	21 (S. F.)	22 (S.P.)	23 (T.)	24 (A.)	
		Componentes																								
Avaliação Diagnóstica	Compreensão	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Amarelo	Azul	Azul	Amarelo	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo
	Aquisição e aplicação das aprendizagens	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Amarelo	Azul	Azul	Amarelo	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo
Avaliação Sumativa	Compreensão	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Amarelo	Azul	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo
	Aquisição e aplicação das aprendizagens	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Amarelo	Azul	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo



<u>Código de avaliação:</u>	Muito Bom	Azul	Bom	Verde	Suficiente	Amarelo	Insuficiente	Vermelho
-----------------------------	-----------	------	-----	-------	------------	---------	--------------	----------

Anexo Q. Planificação de Expressão Dramática

Escola: EB1 Bairro do Restelo

Data: 11 de maio


Estagiária Responsável: Vera Duarte

Sessão nº1 Tema: Indutor Objeto	
<p>Metas de Aprendizagem Meta Final 1) Meta intermédia até ao 4º ano → O aluno explora e comenta as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades (de movimento livre ou orientado, reprodução, mímica, criação de personagens...), reconhecendo-o como instrumento que comunica.</p>	<p>– Objetivos Específicos → Mobilizar objetos, diferenciadamente, em atividades dramática; → Utilizar objetos dando-lhes atributos em situações de interação, a dois/ em pequeno grupo; → Explorar as transformações do objeto, imaginando-o com outras características quando utilizados em ações; → Explorar as relações possíveis do corpo com o objeto; → Improvisar uma pequena história a partir de um objeto, participando na sua elaboração oral.</p>
1º momento: Organização da sala	
<p>A professora indica aos alunos que estes deverão iniciar a organização da sala:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Guardar o seu material escolar na mochila ou nos respetivos armários da sala 2) Colocar, cada um, a sua cadeira num canto da sala 3) Colocar a sua mochila em cima da sua cadeira 4) Colocar, a pares, a sua mesa num canto da sala 5) Calçar as meias que trazem para usar na sessão 6) Sentarem-se no chão da sala, formando uma roda 7) Fazer silêncio (sinal de que estão prontos para começar) <p>– De seguida, devem sentar-se, no chão, formando uma roda, tal como foi feito nas sessões anteriores.</p>	 5'
2º momento: Roda inicial	
<p>Depois de formada a roda, a professora diz aos alunos que nesta sessão vão começar a trabalhar os indutores, ou seja, algo que poderá despoletar a ação dramática. O primeiro a ser trabalhado será o objeto. Assim sendo, irão fazer duas atividades e, no fim da sessão, conversarão um pouco sobre a sessão.</p> <p>A professora relembra que as perguntas que tenham serão respondidas na roda final e que deverão lembrar-se que é muito importante ouvirem os colegas e fazerem o mínimo barulho possível nos momentos de trabalho em grupos.</p>	 3'

3º momento: 1ª Atividade: “Uma história com brinquedos”			
Estratégias/Atividades		Organização do grupo	Recursos
<p>Com os alunos em roda, a professora explica a 1ª atividade. Estão 5 objetos no centro da roda; cada par deverá levantar-se, escolher um objeto e começar a fazer uma pequena improvisação com esse objeto, tendo em conta uma função real ou imaginária. Ao sinal da professora (estalar de dedos), o par deve sentar-se, dando lugar a outro par, que deverá escolher um outro objeto e continuar a contar a história. A cena deverá ser concluída pelo último par.</p> <p><i>Nota: A utilidade dada a cada objeto não deverá repetir-se por mais do que um par</i></p>		Em roda; A pares	5 Objetos do cotidiano: 1 lenço; 1 colher de pau; 1 comando; 1 vassoura; 1 balão 3' + 15'
Estratégias da professora:	Transmitir confiança às crianças, de maneira criar-se um clima de segurança, que fomente a sua liberdade criativa; Valorizar a atividade de cada grupo		
3º momento: 2ª Atividade: 2 em 1			
Estratégias/Atividades		Organização do grupo	Recursos
<p>A professora introduz a nova atividade, dizendo que a ideia continua a ser a de utilizar o objeto, com a sua função real ou imaginária. Contudo, agora terão de utiliza-lo atribuindo-lhe 2 funções diferentes. Cada grupo terá 3 minutos para preparar a sua improvisação, esta não deverá de ser muito extensa (deverá ter cerca de 1 minuto1).</p>		12 pares, um por objeto	12 objetos 3' + 3' + 12'
Estratégias da professora:	Apresentar a atividade dramática à turma como forma de enriquecer a experiência pessoal e do grupo; Feedback e apoio aos grupos (sempre que considerar necessário)		
4º momento: Roda final; Momento de Avaliação			
O grupo volta a fazer uma roda. A professora pergunta às crianças o que pensam das atividades que fizeram e o que aprenderam com estas. Pergunta, também, que aspetos têm de melhorar em relação ao indutor objeto e em relação às sessões de Expressão Dramática.			5'
5º momento: Reorganização da sala			
A professora informa os alunos que estes deverão de voltar a organizar a sala, desta vez para que esta assuma a sua organização inicial. Deve de ser mantida a ordem utilizada no início da sessão, mas em ordem inversa, ou seja, começarão por arrumar as meias, as mochilas, as mesas e as cadeiras.			5'

Total: 50'

Anexo R. Planificação de Expressão Musical

Planificação da sessão de Música: 20 de Abril		
<p>Objetivos/Metas da sessão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Meta Final 8) O aluno analisa e comenta audições de música gravada (...) de acordo com os conceitos adquiridos e códigos que conhece, utilizando vocabulário apropriado. <ul style="list-style-type: none"> ○ O aluno reconhece frases rítmicas e/ou melódicas repetitivas. 		
<p>Competências/ Conteúdos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Audição e apropriação da linguagem elementar/conhecimentos teóricos ▪ Investiga e avalia diferentes tipos de interpretações utilizando vocabulário apropriado. ▪ Identifica e marca, corporalmente, a pulsação e o compasso de uma canção 		
Descrição da Atividade/Estratégias		Recursos
<p><u>1. Audição</u></p> <p>Os alunos, sentados nas cadeiras, ouvem a música “Grândola Vila morena” de Zeca Afonso, pela primeira vez.</p>	,	PC Colunas Faixa áudio: “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso
<p><u>2. Caraterização da música</u></p> <p>Depois de ouvirem a música o professor coloca perguntas ao nível de alguns aspetos e carácter da mesma, como por exemplo:</p> <p>“O que vos faz lembrar os primeiros minutos da música”? (o marchar dos soldados).</p> <p>“O que a música vos transmite?”</p> <p>Quais os adjetivos a que associam a música?”</p> <p>À medida que os alunos participam, o professor escreve as respostas no quadro.</p> <p>É então feita a análise do carácter da música. Os alunos caracterizam a música, definindo entre dois adjetivos opostos dados ou num meio-termo (mexida/calma).</p>	,	Quadro Caneta
<p><u>3. Apropriação da pulsação da música</u></p> <p>Os alunos ouvem de novo o excerto. Contudo, desta vez é lhes pedido que ouçam a canção com muita atenção, de forma a identificarem a pulsação da música (os alunos estão sentados utilizam a coxa para produzirem som).</p> <p>Ao longo da audição a professora vê se os alunos conseguem identificar a pulsação da música, e vai convidando-os a realizarem os mesmos gestos que ele está a fazer, pelo que é pedido que todos executem em simultâneo</p>	,	PC Colunas Faixa áudio: “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso
<p><u>4. Apropriação do compasso</u></p> <p>A professora refere que agora vão reproduzir o compasso da canção. Ouvindo de novo a canção, a professora marca o compasso da mesma, batendo as mãos nas coxas. A professora deverá certificar-se que marcam o compasso autonomamente.</p>	,	PC Colunas Faixa áudio: “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso

<p><u>5. Apropriação da melodia (marcada com ritmo) * a realizar se tiver tempo</u></p> <p>A professora refere que agora vão reproduzir a melodia da canção. Ouvindo de novo a canção, a professora marca o a melodia da mesma, batendo as mãos nas coxas. A professora deverá certificar-se que marcam a melodia autonomamente.</p>	<p>,</p>	<p>PC Colunas Faixa áudio: "Grândola Vila Morena" de Zeca Afonso</p>
<p><u>6. Experimentação autónoma das células-rítmicas - Jogo</u></p> <p>Quando os batimentos/marcações já estiverem assimilados pelos alunos, a professora divide a turma em dois (ou três, caso tenham aprendido a melodia) grupos.</p> <p>De seguida, e ao sinal da professora, o grupo responsável pela marcação da pulsação, toca as suas frases rítmicas. Após algum tempo de marcação, o outro grupo, responsável pela marcação do compasso, reproduz a sua frase rítmica. Quando os batimentos correspondentes estiverem assimilados, trocam as frases rítmicas.</p> <p>O professor coloca então a música e os alunos tocam as frases, sempre auxiliados pelo mesmo. O exercício repete-se até que o professor sinta segurança por parte dos alunos. Nestas circunstâncias, os alunos devem "tocar as frases" sem a ajuda do professor, acompanhando a música.</p>	<p>0'</p>	<p>PC Colunas Faixa áudio: "Grândola Vila Morena" de Zeca Afonso</p>

Total 35/40 minutos

Anexo S. Questionário feito aos alunos

QUESTIONÁRIO OS TRABALHOS DE CASA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Este questionário tem como objetivo conhecer a tua opinião sobre os trabalhos de casa. Por favor responde a todas as perguntas com honestidade, as respostas serão todas confidenciais.

Idade: _____ anos

Ano de escolaridade: ____º ano

Sexo:

Feminino

Masculino

1. Quantas vezes por semana costumavas realizar o TPC? (Coloca uma X na resposta com a qual concordas).

Sempre	<input type="checkbox"/>	Às vezes	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
--------	--------------------------	----------	--------------------------	-------	--------------------------

2. Qual a tua opinião sobre os trabalhos de casa? (Assinala com uma cruz as respostas com as quais concordas)

Ajudam-me a estudar.	<input type="checkbox"/>
São uma perda de tempo.	<input type="checkbox"/>
Já fazem parte da minha rotina.	<input type="checkbox"/>
Gosto de fazê-los todos os dias.	<input type="checkbox"/>
Gosto de fazê-los, mas gostaria de ter menos.	<input type="checkbox"/>
Não gosto de fazer os TPC.	<input type="checkbox"/>
Quando faço os TPC aprendo melhor.	<input type="checkbox"/>

3. Se fosses tu a gerir os trabalhos de casa, como farias? (Assinala com uma cruz as respostas com as quais concordas)

Enviava menos trabalhos por dia.	<input type="checkbox"/>
Enviava a mesma quantidade mas menos dias por semana.	<input type="checkbox"/>
Enviava mais trabalhos por dia.	<input type="checkbox"/>
Passaria a haver trabalhos todos os dias da semana.	<input type="checkbox"/>
Não haveria trabalhos em nenhum dia.	<input type="checkbox"/>
Só haveria trabalhos ao fim-de-semana.	<input type="checkbox"/>
Ficaria exatamente como está.	<input type="checkbox"/>

4. Qual(ais) a(s) tua(s) disciplina(s) preferida(s)?

<input type="checkbox"/> Matemática	<input type="checkbox"/> Português	<input type="checkbox"/> Estudo do Meio
-------------------------------------	------------------------------------	---

Obrigada pela tua colaboração! ☺

Anexo T. Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Estudo - Os trabalhos de casa no 1º Ciclo do Ensino Básico Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Sou mestranda da Escola Superior de Educação de Lisboa e no âmbito do Relatório Final do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, estou a desenvolver um estudo sobre os trabalhos de casa no 1º Ciclo do Ensino Básico. Para tal, pretendo conhecer a opinião dos alunos desta turma sobre a temática referida. Nesse sentido, solicito a sua autorização para aplicar um questionário ao seu educando, garantindo o total anonimato das respostas e a sua exclusiva utilização e tratamento para o estudo em questão.

Salientando a extrema importância da colaboração do seu educando na realização deste estudo, peço-lhe que preencha o destacado abaixo, referindo se autoriza ou não que o seu educando responda ao questionário a aplicar.

Atenciosamente, a mestranda

(Vera Duarte)

Eu, _____,
encarregado(a) de educação do(a) aluno(a)
_____ autorizo / não autorizo (riscar o que não
interessa) que o meu educando participe no estudo “Os trabalhos de casa no 1º Ciclo
do Ensino Básico”, respondendo a um questionário anónimo, cujo tratamento de dados
tem apenas como fim o estudo supracitado.

Data: ____ / 05 / 2015

(O Encarregado de Educação)

Anexo U. Guião de entrevista da professora

Guião de entrevista

A entrevista que se segue foi construída no âmbito do mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, que pretende aferir a opinião dos alunos e da professora sobre os trabalhos de casa. Para tal, é pedida a colaboração da docente através de uma entrevista informal, de modo a conhecer o seu ponto de vista profissional sobre a temática em questão.

A entrevista inicia-se com a apresentação dos objetivos do estudo, realçando-se o valor da colaboração do entrevistado e assegurando-se a confidencialidade e o anonimato face às declarações prestadas. Antes de se iniciar, é ainda pedida autorização para a gravação áudio da entrevista, para que as respostas possam ser analisadas com mais cuidado e rigor.

Tema:

Os trabalhos de casa no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Entrevistado:

Professora titular da turma do estágio de 1º CEB de PES II.

Objetivos gerais:

- Conhecer a opinião da professora face aos TPC;
- Recolher informação que permita comparar com outros dados já recolhidos.

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
<p align="center">– Bloco 1 Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar acerca das finalidades da investigação; • Motivar o entrevistado a participar, realçando o valor da colaboração; • Assegurar a confidencialidade e anonimato das declarações prestadas; • Obter autorização para a gravação da entrevista. 		<ul style="list-style-type: none"> - Tema, objetivos gerais e intervenientes. - Foi escolhido por ter uma prática frequente do TPC, sendo igualmente o professor dos alunos já questionados.
<p align="center">– Bloco 2 Objetivos metodológicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os objetivos dos TPC; • Conhecer o motivo pelo qual a professora opta por esta opção metodológica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Porque considera os TPC importantes? 	
<p align="center">– Bloco 3 Quantidade e frequência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a regra que define a quantidade de TPC por dia; • Conhecer as razões associadas à quantidade identificada; • Conhecer as razões associadas à frequência com que envia 	<ul style="list-style-type: none"> • Que quantidade de TPC costuma enviar? • Qual a razão de ser essa quantidade? • Porque opta por enviar trabalhos de casa todos os dias menos ex- 	

	TPC.	ceto à quinta?	
<p>– Bloco 4 Contributo dos TPC</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o contributo dos TPC na gestão do currículo; • Identificar o contributo dos TPC na gestão do tempo letivo; • Identificar o contributo dos TPC nos hábitos de estudo dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais os benefícios que considera ter para a gestão do currículo? • Quais os benefícios que considera ter para a gestão do tempo de aula? • Quais os benefícios que considera ter face aos alunos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização do tempo letivo, do ritmo da lecionação do currículo, ... - Aprendizagens, hábitos de trabalho, ...
<p>– Bloco 5 Desempenho dos alunos e respetiva expectativa da professora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as expectativas da professora face ao desempenho dos alunos; • Conhecer a perceção que a professora tem da opinião dos alunos; • Conhecer as consequências do não cumprimento dos TPC. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos costumam cumprir os TPC? • O que espera deles? Que cumpram todos os dias ou têm margem para falhar? • Qual considera ser a opinião dos alunos sobre isso? • Quais as consequências de não fazer? 	<ul style="list-style-type: none"> - Estimulante, enfadonho, cumprem por dever ou por gosto, ... - Baixa-lhes a nota ou fá-los sentir-se menos preparados?

Anexo V. Transcrição da entrevista da professora

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Na passagem das entrevistas para a escrita, procurei ao máximo respeitar, dentro dos limites possíveis, as características próprias do registo oral. Contudo, foram retificados alguns aspetos próprios da oralidade, nomeadamente contrações e repetições de palavras, eventuais incorreções ao nível dos processos de concordância em género e/ou número, bem como se omitiram repetições redundantes de palavras. Também se uniformizou o tratamento formal das conversas para evitar discrepâncias a este nível.

Porque considera os TPC importantes?

Porque normalmente os trabalhos de casa são o resumo do que é feito durante o dia, portanto aquele bocadinho é uma maneira de eles estudarem todos os dias um pouco.

Que quantidade de TPC costuma enviar?

Normalmente nunca mais de vinte minutos.

Qual a razão de ser essa quantidade?

É mesmo só um resumo daquilo que foi feito, um exercício de casa coisa que fizemos. Não em grande quantidade, não tem que ser uma estopada! Por exemplo, ter que fazer números por extenso do X ao Y acaba por ser uma seca, quero dizer, quem sabe fazer número três números por extenso sabe fazer todos, não é preciso estar ali a fazer a corrida toda. Conheço um caso de um colega que mandava fazer a tabuada por extenso, aquilo é doloroso, e o que não queremos para nós não queremos para os outros. Os trabalhos de casa não são uma seca e não servem para encher chouriços.

Porque opta por enviar trabalhos de casa todos os dias menos exceto à quinta?

Porque antigamente tínhamos o Apoio ao Estudo num bloco à parte do nosso horário, e esse dia era muito penoso. Era um dia em que eu não enviava trabalhos de casa porque eles já tinham estado comigo a fazer mias trabalhos, pesquisa, ensinar a estudar. Agora também temos mas é dentro do nosso horário, mas continuei a fazer isso, acho que pelo menos um dia na semana eles têm direito a brincar.

Quais os benefícios que considera ter para a gestão do currículo?

Eu acho que ajuda imenso na organização do trabalho, nos hábitos de estudo e de trabalho. Eles conseguem-se habituar e às vezes há dias em que por acaso não mando, se vamos a uma visita de estudo ou a outro tipo de atividade em que já não dá para mandar os trabalhos de casa, eles sentem a falta e dizem “Olhe, não houve trabalho de casa”, portanto aquilo depois torna-se uma rotina que eu acho que é bom continuar.

Quais os benefícios que considera ter para a gestão do tempo de aula?

Como se faz o resumo do que é feito durante o dia, se todos os dias estudam aquele bocadinho, todos os dias em cada área vai ficando resumido. As dúvidas também vão surgindo no dia seguinte quando corrigimos os trabalhos no quadro.

Quais os benefícios que considera ter face aos alunos?

Os hábitos de estudo, organizam-se, é o saberem que todos os dias têm que estudar um bocadinho, faz parte. Se deixam acumular os conteúdos todos para o fim... Quer dizer, não são só os testes que contam, portanto eles no dia-a-dia também têm que saber responder-me às questões que lhes vou colocando na sala de aula.

Os alunos costumam cumprir os TPC?

Praticamente sempre. Há um ou outro que escapa mas já sabe que fica a fazer no intervalo.

O que espera deles? Que cumpram todos os dias ou têm margem para fazer?

Normalmente, eu perdooo até à segunda falha no ano todo, à terceira vez envio um recado na caderneta. Às vezes, se tem uma desculpa, se esteve doente ou teve algum compromisso familiar, como os pais já sabem que eu ando a ver um a um quem fez o trabalho de casa, portanto aqueles que não fazem os pais já agarram na caderneta e escrevem a razão por que não fizeram. Assim eu dou o benefício e já não fica no intervalo a fazer, mas se o aluno quiser ficar, ficar. Se não, leva para casa e nesse dia leva os dois.

Nem todos têm ajuda dos pais, a maioria não quer saber. Mas eu não quero que os pais corrijam ou ajudem nos trabalhos de casa. Eu quero que os pais lá vão ver e se vão apercebendo das dúvidas e, se as quiserem tirar tudo bem, mas quem recebe para tirar dúvidas sou eu, portanto eu gosto que eles façam os trabalhos de casa sozinhos, sem ajudas de ninguém. É bom que eles se sintam apoiados, sintam que sintam “O meu pai ou a minha mãe interessa-se por mim, vão ver os meus trabalhos e vão ver aquilo que eu estou a fazer”, e é isso que eu quero dos pais. Eu não quero que os pais corrijam, em nem exijo que os trabalhos venham certos, eu quero que os trabalhos de casa venham feitos e a ausência deles é que me preocupa.

Normalmente pode haver pais com métodos diferentes dos meus. Por exemplo, agora quando começámos a dar o novo programa de matemática, que apostava muito no cálculo mental, os pais não sabiam ensinar, então eu na reunião antes, como já sei que aquilo vai causar problemas, eu ensino aos pais como é que hão de ensinar em casa. Eles é que me pedem, por isso é que eu comecei a ensinar. Eles pedem-me para que eu os ensine a fazer, porque alguns já se esqueceram, outros não percebem nada daquilo, ... basicamente apanha-se de tudo, mas muitas das vezes no corredor encontro este pai ou outro à saída do portão “Oh professora, há de me explicar como faz aquilo, porque eu já não sei nada daquilo”, e às vezes então ensina-se um bocadinho os pais.

Qual considera ser a opinião dos alunos sobre isso?

Para o aluno é sempre uma seca, é muito melhor chegar a casa e fazer o que lhe apetecer. Até nós, se não tivermos que programar as aulas chegamos a casa e pensamos “Ah, esta semana não vou fazer nada! Vou chegar lá e já está tudo feito”, é muito melhor porque eu chego a casa e faço o que eu quero. Mas não pode ser, eles

têm que saber que aquilo tem que se fazer, e têm que ter hábitos para se organizarem, não podem andar sempre em cima do joelho a fazer as coisas e eu acho que se começam assim no primeiro ciclo, vão-se habituar a estudar no segundo ciclo e por aí fora, porque não vão estar sempre dependentes de uma bengala, nada que lhes explique como é que se faz, porque eles depois vão aprender a estudar e a fazer sozinhos, a ser autónomos. Esse é o interesse da escola, não é só andar aqui a formatar alunos.

Quais as consequências de não fazer?

Uma das coisas que acaba por falhar é os hábitos de estudo, porque vão perceber... Por exemplo, muitos colegas passam trabalhos de casa mas depois não vão corrigir. À partida, como o aluno vê que o trabalho não vai ser corrigido e não vai fazer, portanto o que é que isso vai acumular? O aluno vai-se desinteressar, não vai ter hábitos de estudo, chegam aos testes e não sabem fazer nada, mesmo nas fichas formativas que fazemos não sabem porque não estudam ou o que sabem é o que apanham na sala de aula enquanto estão concentrados, aqueles dez minutos em que se conseguem concentrar porque o resto é conversa paralela.

Em termos de castigo, eles já sabem que não vão brincar. Custa-me muito tirar os intervalos, mas tem que ser.

Anexo W. Grelha de registo diário de TPC

Grelha de Registo do TPC – abril																
Data Alunos	2ª-feira 13		3ª-feira 14	4ª-feira 15	5ª-feira 16	2ª-feira 20			3ª-feira 21	4ª-feira 22	5ª-feira 23	2ª-feira 27		3ª-feira 28	4ª-feira 29	5ª-feira 30
	PORT	MAT	MAT		MAT	PORT	MAT	EM	MAT		MAT	PORT	MAT	MAT	PORT	PORT
1 (Ali)																
2 (Auro)																
3 (Estr)																
4 (Franc)																
5 (Gif)																
6 (Gui)																
7 (Hu)																
8 (In)																
9 (Jo)																
10(Jos)																
11 (Laur)																
12 (Lour)																
13 (Mada)																
14 (Marg)																
15 (M.Car)																
16 (M. In)																
17 (M. Rit)																
18 (Ped. A.)																
19 (Ped. V.)																
20 (Ped. J.)																
21 (Sof F.)																
22 (Sof P.)																
23 (Tiag)																
24 (An)																

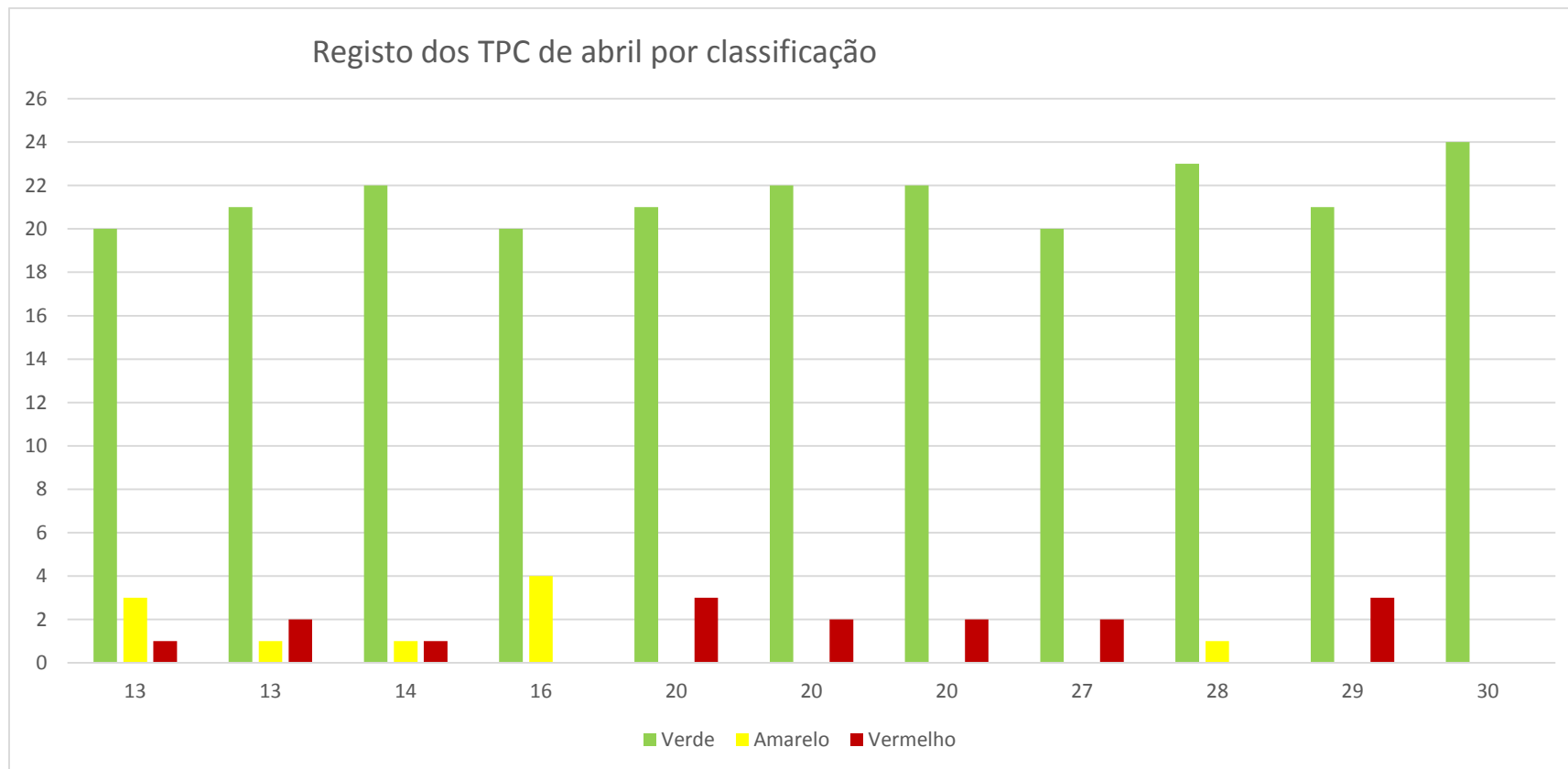
Código de Avaliação		
Fez	Fez pelo menos 1/3	Não fez

Grelha de Registo do TPC – maio

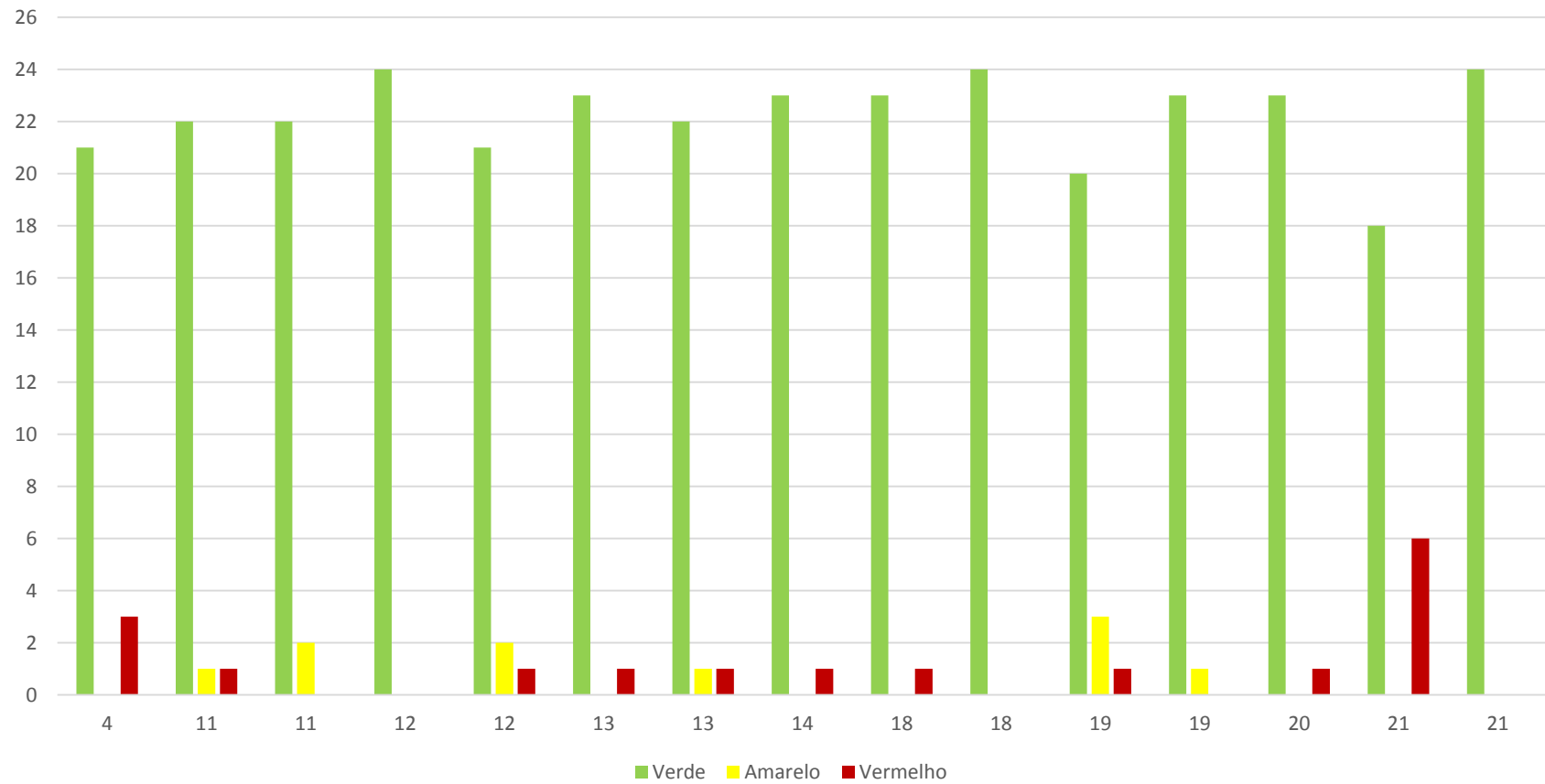
Data	2ª-feira 4		3ª-feira 5	4ª-feira 6	5ª-feira 7			2ª-feira 11		3ª-feira 12		4ª-feira 13		5ª-feira 14		2ª-feira 18		3ª-feira 19		4ª-feira 20	5ª-feira 21		
	PORT	MAT	MAT	PORT	MAT	EM	PORT	MAT	EM	MAT	PORT	EM	MAT	PORT	MAT	MAT	PORT	MAT	MAT	PORT	MAT	PORT	
1 (Ali)																							
2 (Auro)																							
3 (Estr)																							
4 (Franc)																							
5 (Gif)																							
6 (Gui)																							
7 (Hu)																							
8 (In)																							
9 (Jo)																							
10(Jos)																							
11 (Laur)																							
12 (Lour)																							
13 (Mada)																							
14 (Marg)																							
15 (M.Car)																							
16 (M. In)																							
17 (M. Rit)																							
18 (Ped. A.)																							
19 (Ped. V.)																							
20 (Ped. J.)																							
21 (Sof F.)																							
22 (Sof P.)																							
23 (Tiag)																							
24 (An)																							

Código de Avaliação		
Fez	Fez pelo menos 1/3	Não fez

Anexo X. Gráfico de registo dos TPC por classificação



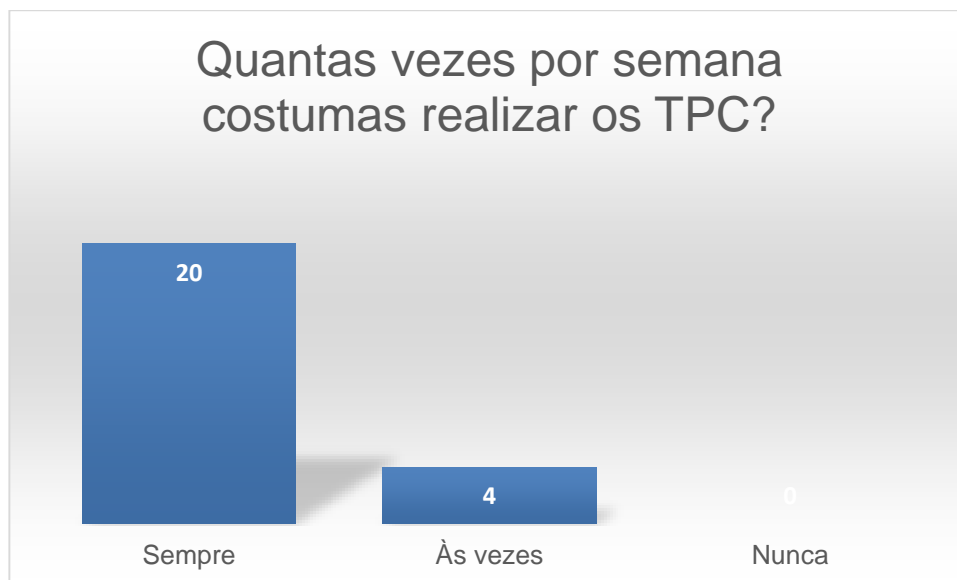
Representação dos TPC de maio por classificação



Anexo Y. Registo dos TPC por área disciplinar

	PORTUGUÊS			MATEMÁTICA			ESTUDO DO MEIO		
	Verde	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Vermelho
13/abr	20	3	1	21	1	2			
14/abr				22	1	1			
16/abr				20	4	0			
20/abr	21	0	3	22	0	2	22	0	2
27/abr	21	0	1	19	3	0			
28/abr				23	1	0			
29/abr	21	0	3						
02/mai	21	0	3						
11/mai	22	1	1	22	2	0			
12/mai				21	2	1	24	0	0
13/mai	23	0	1				22	1	1
14/mai				23	0	1			
18/mai	23	0	1	24	0	0			
19/mai	23	1	0	20	3	1			
20/mai				22	1	1			
21/mai	24	0	0	18	0	6			
Média	21,9	0,5	1,4	21,3	1,4	1,2	22,7	0,3	1

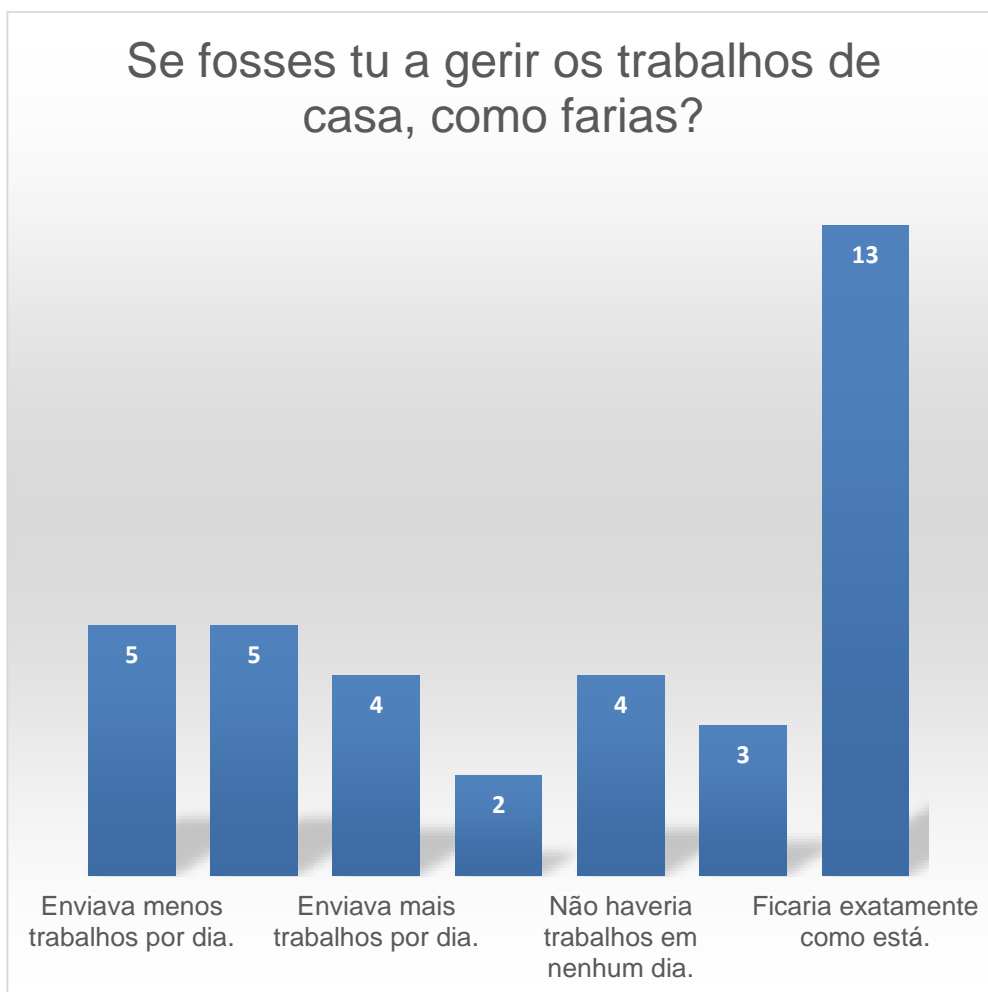
Anexo Z. Gráfico da pergunta “Quantas vezes por semana costumam realizar o TPC?” do questionário



Anexo AA. Gráfico da pergunta “Qual a tua opinião sobre os trabalhos de casa?” do questionário.



Anexo AB. Gráfico da pergunta “Se fosses tu a gerir os trabalhos de casa, como farias?” do questionário.



Anexo AC. Questionário final relativo ao período de intervenção

Sobre as aulas das professoras estagiárias ...

1. Qual a tua opinião sobre as aulas em geral?

Assinala com um X a resposta que consideras adequada às perguntas que te são colocadas.

	Não	Mais ou menos	Sim
1.1. As aulas foram motivadoras.			
1.2. Os materiais (fichas de trabalho, <i>powerpoint</i> , etc) contribuíram para uma boa aprendizagem.			
1.3. As dúvidas surgidas nas aulas foram esclarecidas.			

2. Como gostaste mais de aprender?

Assinala com um X a resposta que consideras adequada às perguntas que te são colocadas.

2.1. A trabalhar sozinho.	
2.2. A trabalhar em grupo.	
2.3. A ouvir a professora a explicar os conteúdos.	
2.4. A fazer fichas de trabalho.	
2.5. A ver recursos no computador (<i>powerpoint</i> , vídeos, ...)	
2.6. Outra: _____	

3. Sobre as aulas em geral, indica:

3.1. Um aspeto que te tenha agradado:

3.2. Um aspeto que te tenha desagradado:

Anexo AD. Gráficos de análise questionário final relativo ao período de intervenção

1. Qual a tua opinião sobre as aulas em geral?

Assinala com um X a resposta que consideras adequada às perguntas que te são colocadas?

	Não	Mais ou menos	Sim
1.1. As aulas foram motivadoras.		3	21
1.2. Os materiais (fichas de trabalho, PowerPoint, etc) contribuíram para uma boa aprendizagem.		2	22
1.3. As dúvidas surgidas nas aulas foram esclarecidas.		8	15

2. Como gostaste mais de aprender?

Assinala com um X as respostas que consideras adequada às perguntas que te são colocadas.

A trabalhar sozinho	3
A trabalhar em grupo	17
A ouvir a professora a explicar os conteúdos	8
A fazer fichas de trabalho	8
A ver recursos no computador (PowerPoint, vídeos)	14

